

A Revista "O Vencedor" pode ser enviada para qualquer lugar do mundo, a toda pessoa interessada, livre de quaisquer ônus.

Se você tem algum amigo que gostou da revista pedimos que nos informe seu nome e endereço para que possamos enviar-lhe gratuitamente um exemplar.

O financiamento deste ministério depende das doações dos leitores, e muito nos alegamos em saber que alguns dos nossos irmãos estão prontos para ajudar com alguma contribuição.

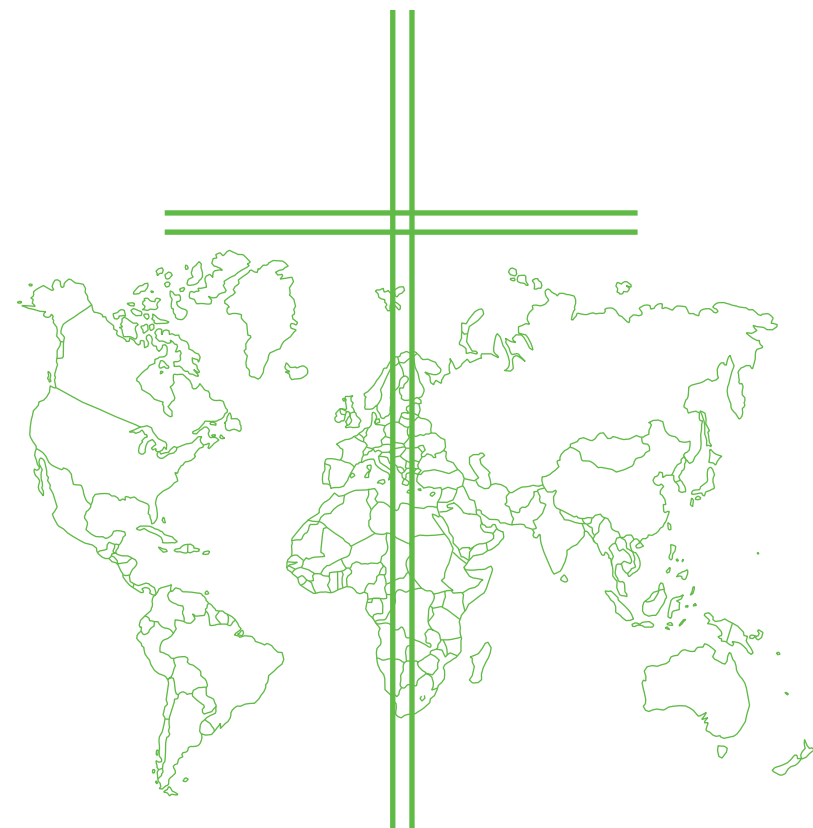
As ofertas de amor devem ser enviadas para o endereço da

Editora Restauração, assim como as demais correspondências. Operamos pela fé na provisão do nosso Senhor Jesus Cristo.

Esta obra é uma tradução fiel da "The Overcomer Magazine" com a devida autorização dos irmãos responsáveis por sua edição na Inglaterra há quase cem anos. Dependemos da sua intercessão para que o trabalho de tradução, revisão, edição e publicação de "O Vencedor" seja dirigido e sustentado exclusivamente pelo Senhor. A graça e a paz seja com todos. Amém

O Vencedor

Junho 2015 a Setembro 2015



REAVIVAMENTO?

ENSINAMENTO BÍBLICO
PARA PROMOVER O
CRESCIMENTO ESPIRITUAL

O Vencedor

Versão em Português: Volume XII Número 1 Junho 2015.
Traduzida por João A.F.Barros.
Revisada por Paulo C.Oliveira.
Publicada pela Editora Restauração.
Editada por João Alfredo F. Barros.

Original em Inglês: Volume XCVII Número 1 Março 2015.
Fundada pela Sra. Jessie Penn-Lewis em 1909.
Publicada por The Overcomer Literature Trust.
Editada por Michael Metcalfe.

Conteúdo:

REAVIVAMENTO?

	Página
A PALAVRA DE JULGAMENTO	
Horatius Bonar	1
CARTAS DOS EDITORES	2
O SILÊNCIO ACERCA DA CRUZ	3
O CAMINHO DO NOVO TESTAMENTO	
Oliver Chandler	5
O VALE DA PROFUNDA ESCURIDÃO	
Sra. Jessie Penn-Lewis	6
O REINO TOMADO À FORÇA	
Paul Bartel	8
PARA QUE A CRUZ?	
David Tryon	11
O NOVO MANDAMENTO	
Alexander Maclaren	12
O QUE MAIS DEUS PODE DIZER?	
Raymond Edman	14
REAVIVAMENTO - PESSOAL E NA IGREJA	
J. C. Metcalfe	16

Toda correspondência concernente a esta revista,
doações para custear a sua publicação, mudanças de endereço,
etc., deve ser enviada para:

Editora Restauração - Revista "O Vencedor"
Caixa Postal: 1945
Curitiba - Paraná - Brasil
CEP 80.011-970
e-mail: editor@editorarestauracao.com.br

PUBLICAÇÕES DA EDITORA RESTAURAÇÃO

Livretos

O Chamamento para Edificar - Milt Rodriguez
Betânias Verdadeiras - T.Austin Sparks
A Última Chamada - Stephen Kaung
O Senhorio de Cristo - Stephen Kaung
O Tempo da Cruz - Watchman Nee
Betânia - Frank Viola
O Seu Cristo é Muito Pequeno - Frank Viola
Restaurando a Expressão da Igreja Volume 1 A Ceia do Senhor Partes 1 a 5
Restaurando a Expressão da Igreja Volume 2 O Batismo Partes 1 a 4
Fora do Arraial - Hamilton Smith
Uma Nova Visão da Igreja Como Família - Frank Viola
A Identidade do Testemunho da Igreja - Gino Iafrancesco
Há Um Combate a Ser Combatido! - J.C. Metcalfe
A Que Devemos Ser Leais - William Macdonald
A Vontade de Deus Para a Mulher Cristã - Vários Autores
Divórcio e Recasamento - Shawn Abigail
A Verdade Acerca do Natal - Autor Desconhecido
Não Deixe a Congregação - J. Preston Eby
A Salvação da Alma - Watchman Nee

Livros

A Primeira Carta aos Coríntios - Hamilton Smith
A Noiva do Cordeiro - Hamilton Smith
A Gloriosa Liberdade dos Filhos de Deus - S. Kaung
O Filho de Deus - Hamilton Smith
Sede Vós Pois Perfeitos - Stephen Kaung
Conversa Franca com Pastores - Frank Viola
A Plenitude de Cristo - Stephen Kaung
Pequenos Artigos Sobre a Igreja - Hamilton Smith
Restauração - Stephen Kaung
Você quer Realmente Começar Uma Igreja em Casa? - Frank Viola
O Reino e a Igreja - Stephen Kaung
Rios de Águas Vivas - Ruth Paxson
O Reino de Deus - Stephen Kaung
Chamados para a Santidade - Ruth Paxson
Meditações Sobre o Reino - Stephen Kaung
Eu Edificarei a Minha Igreja - Stephen Kaung
A Cruz - Stephen Kaung
Pegadas - Stephen Kaung

Revistas

O Vencedor - Volumes 1 a 10
Mensagens de Boas Novas - Volumes 1 a 10

Todas as publicações se encontram disponíveis na página da internet
www.editorarestauracao.com.br

orvalho” e os reavivará.

Os instrumentos de Deus para castigar a cristandade apóstata já estão ganhando poder. A oposição tanto contra a lei de Deus como contra a cruz de Cristo é aberta e flagrante. Mas para a Igreja de Deus a promessa permanece: “Eu serei para Israel como o orvalho”. Uma Igreja que tem a doçura e a fragrância do Senhor, por causa do enriquecido orvalho do Espírito Santo, uma Igreja separada do pecado, do ego e do mundo, uma Igreja que compartilha com o seu Senhor a força misteriosa do Calvário, que seguramente experimentará o “Reavivamento” e dará alegria ao coração do Senhor Jesus, bem como honrará Seu Nome. Assim, e somente assim, o propósito da Sua Igreja será cumprido em nossos dias e geração.

A PALAVRA DE JULGAMENTO

Horatius Bonar

A palavra que tenho pregado, essa o há de julgar no último dia (Jo 12:48).

Há um último dia. Este mundo não girará para sempre, ele parará, breará. Deus finalmente virá. Ele falará e não ficará em silêncio. Ele arregaçará as mangas. É o dia de Deus que está chegando – “Ele determinou um dia”. Não no sentido de “o último”, pois não haverá último dia, mas em referência ao existente estado de coisas e eventos há um último dia, um desfecho, um acerto de contas. O grande rio deste Mundo finalmente alcançará o mar.

Será um dia de julgamento. As longas circunstâncias instáveis da terra serão então ajustadas. Os enigmas do tempo serão todos resolvidos. Os mistérios do tempo serão todos esclarecidos. Os erros do tempo serão todos postos em ordem. O oprimido será vindicado, o triunfo do pecador cessará e o malfeitor será envergonhado. Não haverá mais erro, ou desconfiança, ou falsidade, ou julgamento errado. Nem o chamar de bem o mal e de mal o bem, nem o descrever a luz como trevas ou as trevas como luz. Tudo será transparência, luz, verdade, justiça. O julgamento será justo, desfazendo o mal e estabelecendo e aperfeiçoando o bem. Nenhuma discriminação, nenhum temor de homem, nenhum suborno ou corrupção, nenhuma hesitação ou decisões imperfeitas. O Juiz é justo, e Suas sentenças serão justas como Ele mesmo.

A palavra de Cristo nos julgará. Não que essa palavra deva substituir o Juiz, mas formará a prova, a base do julgamento. Podemos imaginar perguntas como estas surgindo:

(a) A palavra o alcançou? Você a ouviu?

(b) Você a ouviu? Ou você gastou a sua vida ouvindo algo mais, outras palavras, outras pessoas?

(c) Você a tratou como uma palavra verdadeira? Ela é verdadeira, completamente verdadeira, você a tratou como tal? Ou o tratamento que você deu a ela foi o daquele que não viu nenhuma verdade nela? Você confessou recebê-la como verdade e ainda assim a trata como falsa?

(d) Você a tratou como exata? Não há nenhuma falha, erro, imperfeição nela. Você a tratou como tal ou tentou encontrar falha nela para provar que ela é incorreta e imperfeita, possivelmente contraditória? Você sentiu que ela não era tão satisfatória ou suficiente, para ser liberto da tremenda pressão da responsabilidade consciente que vem de uma palavra perfeita?

(e) Você a tratou como divina? Ela é divina, pois Aquele que a pronunciou é o Filho de Deus. Sua palavra não é simplesmente perfeita e sobre-humana, é divina. Você a tratou como tal? Você a reverenciou, submeteu-se a ela, recebeu-a? Se não, então você é culpado – exatamente como se tivesse se recusado a adorar a Deus. Aquele que não tratou as palavras de Cristo como divinas é tão culpado de blasfêmia como aquele que nega que Sua pessoa é

divina. Os homens devem honrá-lo e as Suas palavras tanto quanto honram o Pai e as Suas palavras.

(f) Você a aceitou para si mesmo? Ela diz respeito a você, estreita e poderosamente. Ela diz respeito a você agora neste tempo e ainda muito mais na eternidade. Ele a destinou para você. Ele a disse para você. Ele a dirigiu para alcançá-lo. Ela o alcança em sua condição. Ela contém o que você precisa, a paz com Deus e a vida eterna. Você a aceitou como tal? Você a recebeu não apenas como um provérbio fiel, mas como digna de toda aceitação? Ou você passou por ela como se fosse desnecessária e imprópria? Você a tratou com indiferença como se não estivesse preocupado? Você a rejeitou? Você disse: eu não preciso dela, portanto a lancei para longe de mim?

De acordo com essa palavra, vamos julgar a nós mesmos agora, para que não sejamos condenados por ela no grande dia. Ela é uma palavra viva, penetrante e poderosa, como Aquele que a proferiu. Vamos aplicá-la. O que ela fez por nós? Ela nos trouxe para perto de Deus? Ela nos trouxe perdão? Ela fluiu em paz e luz? Ela fez, e está fazendo, por nós coisas como essas? Ela foi destinada para fazer isso. Ela está fazendo isso?

Se não, ela não poderá fazer isso agora? Lembre-se, ela é uma palavra de julgamento, de teste, de discernimento com a qual você tem a ver. Ela é mais afiada do que uma espada de dois gumes. Ela não permitirá que se esteja brincando com ela. Ela carrega seu próprio julgamento, sua própria vingança dentro dela. Ela exige a recepção imediata e promete perdão imediato e salvação eterna. Aquele que recebe a palavra do Amém, a testemunha verdadeira e fiel, será salvo. Não há “se”, não há “talvez” nela. Ela é uma certeza presente. Nessa palavra está a vida, a paz, o perdão, a reconciliação, e no momento em que a fé responde tudo isso flui para dentro da alma. Sim, aquele que crê será salvo.

Do livro *Studies in the Gospel John* (Estudos do Evangelho de João).

CARTAS DOS EDITORES

Caros Amigos:

Enquanto escrevo isto ainda é o primeiro mês de 2015, e embora quando você o ler seja provavelmente março, posso desejar-lhe a paz e a bênção de Deus em mais outro ano da Sua paciência.

Em Joel 2:1-2, Deus proclama, por meio do Seu profeta: “Tocai a trombeta em Sião, e clamai em alta voz no meu santo monte; tremam todos os moradores da terra, porque o dia do Senhor vem, já está perto; dia de trevas e de escuridão...”.

As últimas edições da revista procuraram ser muito positivas sobre a maravilha do nosso Senhor e tudo o que Ele fez por nós. Alguns podem sentir que o conteúdo desta edição é sombrio, mas confio que os artigos nos farão

autorizados a governar.

Qual é a nossa responsabilidade pessoal nessa questão? Há primeiro a questão do PECADO, e a resposta para o estado das coisas hoje é a pureza sem mácula nos filhos de Deus. “Estamos mortos para o pecado; como viveremos ainda nele?” (Rm 6:2). A maravilha da cruz de Cristo é nossa, e é para que estejamos naquele lugar, “mortos para o pecado” e “vivos para Deus”, confiando no Espírito Santo de Deus para torná-la real a cada momento.

Então há a questão do SERVIÇO. Em que nível está o nosso serviço cristão? Se ele estiver no nível da “serva” e seu filho, o diabo o frustrará facilmente. João 12:24 é a chave: “Se o grão de trigo cair na terra e não morre, fica só. Mas se morrer, produz muitos frutos”. Mais uma vez, é uma questão da cruz e da união com Cristo ali. Não é o que fazemos para ELE que conta, mas o que ELE faz por nós. O que importa não é que podemos lutar contra a maldade no mundo, mas que Ele morreu na Cruz e nós morremos ali com Ele. Ele vive no meio da Sua Igreja para que a obra de Deus prospere em Sua mão. Você só pode estar na posição certa quando entra em tal experiência de vida.

A nossa vida escondida

A corrente da maldade espiritual está aumentando contra nós e devemos fazer muito mais do que apenas deplorar o fato. É verdade que em nosso mundo ocidental de hoje a atmosfera é completamente estranha para a vida cristã. C. S. Lewis certa vez escreveu: “Os cristãos cada vez mais vivem em uma ilha espiritual; as novas e rivais formas de vida os cercam em todas as direções, e suas correntes avançam cada vez para a praia”. Mas de onde vem essa oposição? Ela vem de duas fontes: de um mundo que jaz no maligno e da fraqueza da nossa própria natureza. Como ela deve ser vencida? “Estais mortos, e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus” (Cl 3:3). Quando o inimigo das almas vem, com todo seu ardid e agressão, ele nos acha “escondidos com Cristo em Deus”, onde ele não pode nos prejudicar? Aqui está o ponto de partida para o verdadeiro reavivamento.

A perspectiva do mundo hoje é tão escura quanto pode ser, mas por trás de tudo isso Deus está operando. Deus tem Sua resposta para todo o orgulho do homem e Ele está cavando fundo com Seu povo. A questão é: “Estou preparado para deixá-lo cavar fundo em mim?”. Se eu disser “sim”, o que isso significará para mim? Não sei. Mas quero dizer isto: não há nenhum outro lugar seguro para um cristão se esconder hoje a não ser na união com Cristo em Sua morte e vida ressurreta. Não há nenhum outro lugar de triunfo sobre o inimigo nem de serviço eficaz. Não há nenhum outro lugar onde podemos suportar a tensão das coisas agora e entrar na alegria da colheita na Sua vinda. Eu sei que quando digo: “Senhor, como posso estar ali?”, Ele diz: “Minha graça te basta, porque o Meu poder se aperfeiçoa na fraqueza”.

Vamos voltar finalmente ao último capítulo de Oseias. Aqui Deus retoma a oração de Israel: “Converte-te, ó Israel”, Ele diz, “ao Senhor teu Deus... dizei-lhe: Tira toda a iniquidade, e aceita o que é bom” (Os 14:1,2). Quando eles fazem isso, Ele promete que sarará “a sua infidelidade”, será “para Israel como o

Perto do final da epístola de Tiago nos é dito: “Ouvistes qual foi a paciência de Jó, e vistes o fim que o Senhor lhe deu” (Tg 5:11). O que Deus fez com Jó? Ele mostrou Sua ira contra o que devemos chamar de “o homem natural” em Jó e edificou um novo Jó, tendo uma viva dependência de Deus, e não em sua própria justiça ou posses. Deus simplesmente tirou Sua mão dos negócios de Jó e permitiu ao inimigo das almas peneirá-lo. Não foi porque Deus estava zangado com Jó, mas porque Ele o estava purificando para o dia da visitação.

Do mesmo modo, Deus purificará Sua Igreja para o dia da vinda de Cristo, para o tempo em que ela estará face a face com Ele e o verá como Ele é. “Porque já é tempo que comece o julgamento pela casa de Deus; e, se primeiro começa por nós, qual será o fim daqueles que são desobedientes ao evangelho de Deus?” (1 Pe 4:17).

Não basta que falemos da cobertura do sangue expiatório. Há também a obra do Espírito Santo, que aplica a cruz para nos purgar. “Porque eu quero a misericórdia, e não o sacrifício; e o conhecimento de Deus, mais do que os holocaustos” (Os 5:6), disse Deus a Israel. “Mas eles transgrediram a aliança, como Adão...” (Os 6:7). Há uma aliança entre nós cristãos e o nosso Deus que tem de ser observada e guardada? Em Gálatas 3, Paulo nos diz que o evangelho foi pregado a Abraão, quando Deus lhe disse: “Todas as nações serão benditas em ti” e que a promessa da aliança feita com Abraão foi cumprida em Cristo, que “se fez maldição por nós” para que pudéssemos receber a promessa do Espírito Santo. Esta aceitação pela fé do dom prometido por Deus é o nosso lado da aliança.

Equipamento para o avivamento

Tudo gira em torno da pergunta: entrei na realidade da aliança de Deus? Recebi o poder do Espírito Santo para o serviço? Estou cheio hoje do Espírito Santo? A Igreja de Deus deve estar equipada com o poder do Espírito Santo se ela for lutar com as condições presentes e permanecer triunfante, mesmo se isso envolver a questão do martírio, para que Jesus possa ser glorificado no mundo.

Em Gálatas 4, são mostradas duas alianças, tipificadas por Agar e Sara, a velha aliança da lei e a nova aliança da graça; a Jerusalém terrena e a “Jerusalém do alto, que é mãe de todos nós”. A Igreja de Deus não é apenas uma organização deste mundo, ela é o Corpo vivo de Cristo, e a nossa cidadania está no céu, “nossa vida está escondida com Cristo em Deus” (Cl 3:3). “Lança fora a escrava e seu filho”, é-nos dito. Não é esse um chamamento para o povo cristão realmente viver na realidade de sua verdadeira união com Cristo, o qual, “pelo gozo que lhe estava proposto, suportou a cruz”? Uma coisa que o diabo aspira é que a honra de Cristo seja embaçada, a Sua obra impedida e a Sua Igreja fraca. Como ele está procurando realizar isso? Colocando Cristo em segundo plano. Ele pode fazer isso? Ele está triunfando na confissão da cristandade, e assim o fará, com a permissão de Deus, mas ele nunca deve triunfar na Igreja de Deus. É para que olhemos para isso, e naquele lugar onde ele pode ganhar um apoio para os pés e afrouxar a Igreja é onde a “serva e seu filho” ainda estão

pensar, colocar nossos olhos n'Ele, e somente n'Ele, e nos encorajar a viver na vitória que Ele ganhou por nós no Calvário.

Possa o Senhor o guardar, abençoar e fortalecer enquanto avança, com Ele.

Em Seu precioso Nome,

Michael Metcalfe

Amados Irmãos:

O assunto tratado nesta edição nos leva a meditar sobre a condição atual dos cristãos que pertencem às assim chamadas “igrejas evangélicas” e suas teologias.

As novas teologias que foram introduzidas no meio cristão com a intenção de modernizar o cristianismo criaram o que se pode chamar de uma “cristandade moderna”, que tem muito pouco a ver com o verdadeiro cristianismo. Essas teologias acabam sempre incentivando o culto ao humanismo, que visa satisfazer a vontade do próprio homem e não a de Deus.

Na verdade, o evangelho é completamente o oposto dessas novas teologias. Ele prega a morte do velho homem em Cristo Jesus, e as novas teologias pregam a prosperidade, cura, abundância material para que o velho homem permaneça bem vivo, afastando-se assim do propósito de Deus.

Vamos ficar atentos aos ensinamentos modernos, cujo alvo é o homem e sua vida neste mundo. Não sejamos enganados pela nossa própria concupiscência, que deseja a satisfação da carne. O único ensinamento que pode nos conduzir ao propósito de Deus em Cristo Jesus é aquele que tem como alvo a Pessoa e obra de Jesus Cristo por nós e em nós ali no Calvário.

Que o Espírito Santo nos guie para longe das novas teologias dos últimos dias desta era. Vamos dar ouvidos ao verdadeiro evangelho, que coloca um fim no velho homem para que vivamos em novidade de vida cumprindo o propósito que o Pai tem para nós em Seu Filho, Jesus Cristo. Este é o único e verdadeiro reavivamento.

João Alfredo

O SILÊNCIO ACERCA DA CRUZ

Anônimo

Uma séria deficiência da maioria das pregações dos dias atuais é a desconsideração da obra consumada de Cristo no Calvário em todo o seu vasto significado e maravilha. A condição do mundo, da sociedade e da Igreja é a mais forte prova da necessidade do redescobrimto da cruz como o poder pelo qual as forças das trevas podem ser rechaçadas. A cruz é a revelação inspirada pelo Espírito de uma fonte de vitória para o crente e uma esperança para um mundo perdido e arruinado.

O obscurecimento da mente por Satanás é feito para rejeitar a cruz, revoltar-se contra ela, suavizar o seu significado e evitar a sua linguagem. O “enganador” sabe que a “Palavra da Cruz”, como o “poder de Deus”, destruirá suas mentiras e fará todos verem que o “homem natural” não pode receber as coisas do Espírito de Deus, porque eles estão espiritualmente enganados.

O que é a Mensagem da Cruz? Ela é a mais gloriosa mensagem em seu propósito bem como a mais eficaz em seu resultado jamais liberada para ser proclamada. Ela possui uma verdade tripla a se tornar conhecida: 1) Que a morte substitutiva do Filho de Deus é o único meio pelo qual um pecador pode ser salvo e trazido de volta a Deus, 2) que há libertação da velha vida adâmica e 3) há libertação do poder do pecado.

Se esse Evangelho, em todo seu comprimento e largura, altura e profundidade, foi revelado a Paulo diretamente pelo Senhor Jesus Cristo, como ele mesmo solenemente afirma (Gl 1:12), então é uma coisa apavorante que as pessoas, viajando para a eternidade, devam ser mantidas na ignorância de uma Mensagem que pode trazer garantia para o coração e dar poder para lutar com sucesso a batalha diária. Quando o crente está no terreno da obra consumada do Senhor Jesus Cristo no Calvário, ele encontra o segredo de ser mais do que vencedor na luta contra o mal.

A arma pela qual Satanás pode ser frustrado em seus esquemas é a cruz, primeiro por levar à morte todas as coisas na natureza do crente com as quais o inimigo pode operar e por fazer com que ele conheça a libertação pessoal, então pela vitória ganha por Cristo sendo apropriada e usada, em cooperação com o Espírito Santo, em agressiva resistência ao Maligno em todos os seus caminhos.

O que significa o silêncio em tal assunto de vital importância? As congregações têm direito à verdade conforme foi revelado pelo Espírito Santo na Palavra de Deus. O coração da multidão está cansado porque o mundo não pode satisfazê-lo. Tem a Igreja perdido seu próprio rumo e precisa confessar que não pode conduzir a alma ansiosa à Fonte de Águas Vivas?

Os filhos de Deus estão face a face com as condições mais difíceis na vida pessoal e no serviço cristão, e muitos deles não sabem como superar. Não tem a Igreja nenhuma orientação para lhes dar na tarefa de resistir ao assalto e opressão satânicos? As famintas ovelhas levantam os olhos e não são alimentadas. Seguramente a Mensagem da Cruz é tudo o que precisamos nestes dias para interromper a paralisia espiritual que aflige tantos e tornar claro o caminho de vida, descanso e vitória.

A necessidade urgente destes dias é de confiar na plena visão da cruz do Calvário em todo seu significado e anunciar diante dos olhos deles o fato de que “Cristo morreu pelos nossos pecados segundo as Escrituras” e, além disso, viver para tornar real a medida completa da vitória ganha.

Que a paixão de Cristo pelo perdido, que ardeu na alma do grande apóstolo, esteja queimando no coração de todo pregador e de cada um de nós.

vida foi de fato entregue a Deus, para que eu possa ser cheio do Espírito Santo e ser usado de alguma forma que Ele considere melhor nesses dias?”.

Muitos de nós assistimos a reuniões em que muitos dos presentes professaram um desejo de serem cheios do Espírito Santo, mas nunca foram mais longe. Penso que a questão diante da qual muitos estremeçam é: “Estou preparado para seguir o caminho da cruz, o caminho do conflito?”. Há igrejas cristãs no mundo hoje às quais se faz esse questionamento de formas muito drásticas, e temos de enfrentar esse questionamento agora, antes que ele venha a nós da mesma forma. Devemos ir fundo, pois o que é chamado de reavivamento nestes dias muitas vezes apenas descasca a superfície.

Voltemos um pouco para o povo de Israel nos dias de Oseias. Houve um reconhecimento geral da necessidade do reavivamento: “Vinde, e tornemos ao Senhor” (Os 6:1) era a fraseologia usada, e então em quase todo o resto da profecia Jeová respondeu ao Seu povo indo fundo na questão da vida e comportamento diário deles. “Porque a vossa benignidade é como a nuvem da manhã e como o orvalho da madrugada, que cedo passa” (6:4). Na verdade, Ele diz: “A oração de vocês para o reavivamento é superficial”. Quão rapidamente eles queriam que Deus lhes respondesse: “Depois de dois dias nos dará a vida; ao terceiro dia nos ressuscitará, e viveremos diante dele” (6:2). Muitos dos nossos pensamentos hoje seguem esta linha: “Oh Deus, queremos o reavivamento, e o queremos amanhã”. Então tentamos organizar reuniões de reavivamento, mas isso não funcionará. É a visitação de Deus no meio do Seu povo o que estamos buscando e o que devemos ter, e nos lembramos de que isso é o que aconteceu em Pentecostes.

No final da Sua acusação contra Israel em Oseias, Jeová se volta para a súplica: “Converte-te, ó Israel, ao Senhor teu Deus; porque pelos teus pecados tens caído” (14:1), e surge a questão: estamos prontos para uma visitação de Deus? Não existem muitas coisas, tanto em nossa vida individual como na da Igreja, que estão colocadas em Seu caminho?

Os juízos de Deus

O reavivamento não é excitação de massa, mas uma Igreja cristã que caminha na verdadeira santidade e manifesta Cristo para o mundo. Para realizar esse objetivo, Deus muitas vezes tem de falar com Seu povo por meio de juízos. “Por isso os abati pelos profetas; pelas palavras da minha boca os matei; e os teus juízos sairão como a luz” (6:5), Ele diz a Israel através de Oseias.

A Revolução Francesa foi uma revolta contra a cristandade apóstata e a Inglaterra só foi salva de um cataclismo semelhante por causa do Avivamento Metodista. A paciência de Deus com a cristandade protestante apóstata não pode continuar para sempre. Não é simplesmente que o liberalismo e a infidelidade estão conduzindo alguns que professam ser cristãos para longe da fé, mas que já puseram uma fundação, na condição da nossa vida de Igreja, que preparou o caminho para os juízos de Deus.

Então há outro lado a ser considerado. Deus também julga com infinita brandura aquele que Ele acha estar errado dentre Seus próprios filhos.

REAVIVAMENTO – PESSOAL E NA IGREJA

J. C. Metcalfe

O reavivamento é um retorno da Igreja para as condições que a fazem o veículo da bênção de Deus a homens e mulheres indigentes. A história dos filhos de Israel desde os primeiros dias da ocupação da terra de Canaã por eles mostra um constante afastamento da vontade revelada de Deus. Houve tempos de reavivamento, por meio do ministério dos juizes, da pregação fiel dos profetas e da liderança de reis piedosos, mas logo que o instrumento do reavivamento era retirado o povo se desviava para a idolatria e logo estava em uma condição pior do que antes.

A história muitas vezes se repete e assim o fez neste caso. Os cristãos hoje oram pelo reavivamento, mas a maior parte de nós não entende claramente pelo que está orando. Vemos a necessidade desesperada em volta de nós e possivelmente temos diante da nossa mente uma visão de reuniões apinhadas e uma torrente de conversões, mas precisamos ter cuidado aqui. O inimigo das almas pode produzir algo que pareça muito com o reavivamento à primeira vista, mas que cessa imediatamente. Se oramos pelo reavivamento, o que estamos pedindo?

Aqui está uma definição de reavivamento que você deve ler cuidadosamente:

Um dia de visitação

“A hora do avivamento é um tempo de crise e de catástrofe em potencial – crise na história de qualquer indivíduo, bem como na história de um país, de uma igreja ou de um bairro. A crise pode ocorrer na vida de uma pessoa irregenerada, quando ela determina seu destino eterno, aceitando ou rejeitando se converter a Deus; uma crise para aqueles que recebem a plenitude do Espírito Santo e para aqueles que O rejeitam; para o cristão que se submete e recebe o Espírito Santo, esse é o dia da visitação do Altíssimo, mas para outros pode significar a decisão de se tornar um homem espiritual ou continuar sendo carnal (1 Co 3:1); significa se irão escolher permanecer na derrota na vida pessoal ou se decidirão se levantar e vencer” (*Guerra contra os santos*, CCC Edições, p. 159, vol. 2).

“Um tempo de crise”, “o dia da visitação”, o que significa Deus se manifestando no meio do Seu povo e fazendo a Sua própria obra do Seu próprio jeito. É possível que estejamos sendo testados quanto a sermos dignos de estar com Ele em um grande e glorioso testemunho que bem poderia ser o último antes da Sua volta, e o teste pode ir muito fundo. Toda a questão do reavivamento é de fato marcante para o nosso conhecimento individual da plenitude do Espírito Santo. Não devemos estar temerosos por causa da forma com que o inimigo produziu falsificações e fez com que cristãos se dividissem por causa dos vários entendimentos dessa verdade.

Vamos torná-lo uma questão pessoal perfeitamente clara: “A minha

O CAMINHO DO NOVO TESTAMENTO

Oliver Chandler

O caminho do Novo Testamento não é um caminho fácil. Nunca se pretendeu que fosse. Há somente um caminho no qual ele funcionará, e não há absolutamente nenhuma alternativa, é somente por uma rendição sincera, de coração e absoluta ao Senhor e obediência absoluta à Sua Palavra.

Por meio de dinheiro, atividade humana e força de vontade podemos manter uma semelhança, sustentar reuniões, pregação, oração e testemunho. Podemos manter isso, como uma organização, mas a realidade e o poder, a presença e o fruto do Espírito Santo não estarão ali. Podemos até nos enganar pelo sucesso evidente resultante de todo nosso trabalho e nos gloriar nele, tanto quanto os discípulos se admiraram das grandes pedras do templo, mas estar ignorando que à vista de Deus é repugnante porque não há lugar para Ele. Há muito que Ele teve de se retirar. Tal é o quadro da igreja em Laodiceia, satisfeita com as suas realizações, mas inconsciente de que, à vista do Senhor, era sem valor.

Os engenheiros sonham com o moto contínuo, com uma máquina que trabalhará sem parar, infinitamente, sem atenção. Espiritualmente, sonhamos com a mesma coisa. As igrejas, os crentes, que continuarão sem parar, infinitamente, sem cuidado e atenção.

A fricção é o grande problema dos engenheiros, o atrito das partes móveis, gastando-as, tornando o funcionamento do motor laborioso, e a menos que seja consertado, resultará em uma séria avaria. A fricção é o maior problema para a plena compreensão do Caminho do Novo Testamento.

Há fricção entre a nossa natureza e a de Deus, nossos desejos e os d'Ele, nossos pensamentos e caminhos e os d'Ele. A menos que o ego esteja morto de fato, e que batalha é chegar ao lugar onde aceitamos que nosso ser esteja morto, daí vem somente fricção.

Há fricção entre naturezas humanas, entre missionários e crentes. Não devemos tapar nossos olhos para a realidade. Não há tal coisa como uma Igreja sem problemas. Não há tal coisa como crentes ou igrejas que vão em frente para sempre sem precisar de atenção. O óleo precisa ser derramado continuamente para manter ao mínimo o perigo de fricção.

Então há fricção com o diabo, e não podemos esperar nenhuma clemência em suas mãos. Qualquer descuido, qualquer amolecimento, qualquer “cair no sono” e ele está à frente, semeando seus joios. E uma vez que ele tenha os seus joios ali, não podemos tirá-los. Uma vez que ele tenha feito um crente cair, o problema é levantá-lo novamente. Uma vez que ele coloque uma falta de confiança em nossa mente quanto a um coobreiro ou companheiro crente, não é fácil libertar a mente dela. Uma vez que uma congregação é dividida, quão difícil é conduzi-la à unidade espiritual.

Como podemos manter a vitalidade e o espírito dinâmico do verdadeiro evangelismo? Foram todas as conversões nos tempos do Novo

Testamento genuínas? Foram todos os batismos verdadeiros? A rede traz nela todos os espécimes. Não serão aqueles que dirão: “Não profetizamos no Teu Nome? E em Teu Nome expulsamos demônios?”. O apóstolo não disse que “eles saíram de nós porque não eram de nós?”. Podemos esperar que uma igreja esteja inteiramente livre desses problemas? Se estivermos procurando “um caminho” que será livre de problemas, então estamos condenados à decepção.

Iremos dizer que o caminho do Novo Testamento é impraticável, que ele não funciona? Não, nunca. Pois o caminho do Novo Testamento é, na própria essência, o triunfo sobre as dificuldades. Somos “em tudo somos atribulados, mas não angustiados; perplexos, mas não desanimados, perseguidos, mas não desamparados; abatidos, mas não destruídos” (2 Co 4:8-9).

Vemos esse triunfo ser manifesto em todo lugar? Não, não vemos. Paulo viu? Ele não escreveu aos gálatas: “sinto as dores de parto, até que Cristo seja formado em vós”? Ele estava em agonia porque eles tinham tão rapidamente se desviado do verdadeiro caminho, mas ele desistiu? Ele labutou em oração ainda mais. Ele fala dele mesmo de ser impedido por Satanás (1 Ts 2:18). Isso o fez se acomodar e dizer: “Qual a utilidade disso?”. Toda igreja, todo crente terá batalhas, mas é a mesma coisa que coloca força neles. Se tudo fosse fácil, tudo seria espiritualmente frouxo e sem vitalidade. É a batalha espiritual que mantém as igrejas sobre seus joelhos e faz sua oração verdadeira. É isso que faz a nossa dependência do nosso Senhor no Céu uma experiência prática.

O VALE DA PROFUNDA ESCURIDÃO

Sra. Jessie Penn-Lewis

“Quem há entre vós que tema ao Senhor e ouça a voz do seu servo? Quando andar em trevas, e não tiver luz nenhuma, confie no nome do Senhor, e firme-se sobre o seu Deus” (Is 50:10).

Algumas vezes o Senhor permite aos Seus filhos passarem por uma estação de escuridão profunda por causa dos ataques de Satanás, para trazê-los para a completa fé em Sua palavra, embora a sua própria experiência pareça desmenti-la.

Uma palavra para o sobrecarregado

Estamos escrevendo a vocês, queridos filhos de Deus que são as almas pobres, torturadas, angustiadas. A escuridão se fechou ao seu redor, escuridão tal que pode ser sentida, o escudo da fé quase caiu da sua mão e o vislumbre dos numerosos e rápidos dardos inflamados lançados pelo maligno é tudo que você vê. Você não consegue descansar, e Deus parece perdido para você. Nada parece verdadeiro, além da escuridão. É este um quadro imaginário? Para os outros pode parecer assim, mas não para você. O diabo, que triunfaria em sua agonia, sabe disso, mas ele não triunfará. “O inimiga

Temos a mais firme segurança de que “toda a Escritura é divinamente inspirada, e proveitosa para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça; para que o homem de Deus seja perfeito, e perfeitamente instruído para toda a boa obra” (2 Tm 3:16-17).

A Palavra torna perfeitamente clara e urgente a nossa necessidade do perdão de Deus para os nossos pecados e da salvação. Ela diz claramente: “Aquele que nem mesmo a seu próprio Filho poupou, antes o entregou por todos nós, como nos não dará também com ele todas as coisas?” (Rm 8:32). O caminho da salvação é claro, uma criança pode entendê-lo e assim pode a pessoa mais sábia, se desejar, pois Deus disse: “Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, aos que creem no seu nome; os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus” (Jo 1:12-13). A esta afirmação concisa e exata sobre a aceitação do Salvador a Bíblia prossegue: “Aquele que crê no Filho tem a vida eterna; mas aquele que não crê no Filho não verá a vida, mas a ira de Deus sobre ele permanece” (Jo 3:36).

Para o crente em Cristo, há todo tipo de provisão divina para esta vida. O que poderia Deus acrescentar ao que Ele já afirmou em Romanos 5:1-5: “Tendo sido, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo... porquanto o amor de Deus está derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado”? Não foi somente ao Seu servo Paulo, mas a todo crente que o amoroso Deus declarou: “A minha graça te basta, porque o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza. De boa vontade, pois, me gloriarei nas minhas fraquezas, para que em mim habite o poder de Cristo” (2 Co 12:9). Por causa dessa suficiência divina há a exortação: “Louvem ao Senhor pela sua bondade, e pelas suas maravilhas para com os filhos dos homens. Pois fartou a alma sedenta, e encheu de bens a alma faminta” (Sl 107:8-9).

O que pode Deus acrescentar à garantia que Ele dá em Sua Palavra a todo crente em Cristo: “Na verdade, na verdade vos digo que quem ouve a minha palavra, e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna, e não entrará em condenação, mas passou da morte para a vida” (Jo 5:24). A conclusão dessa garantia é declarada gráfica e gloriosamente em Apocalipse 22:3-5: “E ali... estará o trono de Deus e do Cordeiro... e verão o Seu rosto... porque o Senhor Deus os ilumina; e reinarão para todo o sempre”.

Todas essas afirmações, que são apenas algumas das milhares contidas na Bíblia, Deus nos deu, essas promessas e todas as que estão entre elas.

A nossa parte é de sermos leitores da Palavra de Deus, crentes em tudo o que Ele disse, seguidores obedientes de Seu Filho, o nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, e praticantes da Palavra. Dessa forma, descobriremos que o céu já começou no coração que crê enquanto ainda estamos aqui na terra.

amor que venceu o egoísmo a ponto de estar pronto para morrer por Ele. A expressão da vida cristã não é encontrada nas palavras adocicadas, mas no ato de autoabnegação, modelado na morte sacrificial de Cristo. A morte de Cristo é o padrão da nossa vida, bem como a esperança do nosso coração.

O motivo

Isso também está contido nas palavras “assim como eu vos amei”. O mandamento de Cristo para amar é um novo mandamento, não tanto porque é uma revelação de uma nova obrigação, mas porque é a comunicação de um poder para cumpri-la. A inovação da moralidade cristã está aqui, que em sua lei há uma força para a realização dela mesma. Não temos de procurar num lugar o conhecimento da nossa obrigação e em outro lugar a força para cumpri-la, mas ambos nos são dados no dom da morte de Cristo e Seu amor imortal.

Aquele amor, recebido em nosso coração, conquistará o nosso egoísmo. Aquele amor, recebido em nosso coração, nos moldará em sua própria semelhança. Aquele amor recebido em nosso coração entrelaçará todos aqueles que participam dele em uma ligação comum, profunda, sagrada e completamente vitoriosa. E assim, se quisermos conhecer a bem-aventurança e a doçura da vitória sobre nosso coração egoísta e miserável e andar na liberdade do amor, somente podemos consegui-las nos mantendo perto de Jesus Cristo. Se tivermos a vida de Cristo, seremos capazes de estender a mão a todos que amam o Senhor Jesus Cristo e sentem com a gratidão que somos um n'Ele.

Do livro *The Holy of Holies* (O Santo dos Santos).

O QUE MAIS DEUS PODE DIZER?

Raymond Edman

Tudo que o coração humano precisa saber sobre Deus, Sua criação, Sua revelação à humanidade e sobre o gênero humano é encontrado na Escritura. A revelação divina é ampla para cada necessidade humana. Foi por causa disso que Pedro declarou: “Visto como o seu divino poder nos deu tudo o que diz respeito à vida e piedade, pelo conhecimento daquele que nos chamou pela sua glória e virtude; pelas quais ele nos tem dado grandíssimas e preciosas promessas, para que por elas fiquéis participantes da natureza divina, havendo escapado da corrupção, que pela concupiscência há no mundo” (2 Pe 1:3-4).

A Bíblia é a revelação de Deus à humanidade e não o resultado da nossa procura por Deus. Observe a implicação de 2 Pedro 1:19-21, onde se lê: “E temos, mui firme, a palavra dos profetas, à qual bem fazeis em estar atentos, como a uma luz que alumia em lugar escuro, até que o dia amanheça, e a estrela da alva apareça em vossos corações. Sabendo primeiramente isto: que nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação. Porque a profecia nunca foi produzida por vontade de homem algum, mas os homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo”.

minha, não te alegres a meu respeito; ainda que eu tenha caído, levantar-me-ei; se morar nas trevas, o Senhor será a minha luz” (Mq 7:8).

Agora mesmo você pode encontrá-lo com as aleluias da fé, contudo não com as do sentimento em seus lábios, quando você se volta para o sangue do Cordeiro. “Ele está em suas mãos”, disse Deus a Satanás acerca de Jó. Mas somente até certo ponto poderia Satanás levar a cabo seu desejo. A pobreza, a perda, a doença, as acusações injustas dos seus amigos e a escuridão espiritual, todos recaíram sobre Jó. “Mas, se vou para o oriente, lá ele não está; se vou para o ocidente, não o encontro. Quando ele está em ação no norte, não o enxergo; quando vai para o sul, nem sombra dele eu vejo!” (Jó 23:8-9). E, contudo, Deus estava ali o tempo todo.

Três laços sutis

Parece haver três laços sutis, pelos quais as almas são trazidas à escuridão, embora esses laços muitas vezes estejam entretecidos um com o outro.

1. O diabo usa as próprias palavras de Deus para levar as almas para a escuridão. Se ele as citou ao Mestre no deserto, quão prontamente deverá empregar o mesmo método com o servo. Ele conhece bem o caráter individual de cada um que ele aspira derrubar. Para uma mente legalista, ele citará textos que o dirigirão à agonia da autoacusação.

O diabo torce Tiago 5:16, e outras passagens, no sentido de que os pecados do passado devem ser abandonados e confessados muitas vezes. Mas em vão você busca paz desse modo. A memória sempre trará novos fantasmas para esvoaçarem diante da consciência. Somente o sangue de Jesus Cristo os fará desaparecer. Nenhum ato de humilhação diante de outros os expiará, pois o pecado era contrário a Deus.

Usamos a palavra expiação deliberadamente. A raiz do mal está aqui. A alma não vê completamente o valor do sangue de Cristo. Ela não vê que cada pecado, cada pedacinho da velha vida corrupta, foi enterrado em Seu sepulcro e que não temos direito de desenterrar novamente o que Ele colocou ali.

2. O diabo usa o assunto da consagração para levar almas para a escuridão. Aos cristãos é dito para renderem tudo, a se consagrarem completamente, a se renderem absolutamente, e o diabo dirige os pensamentos deles para dentro deles mesmos. Consciências escrupulosas são torturadas com questionamentos quanto a isso ou aquilo que deve ser abandonado, e o resultado é muitas vezes um estado de pesadelo espiritual. Mas a graça de Deus é longânima. É Deus que opera em você tanto o querer como o fazer. “Consagrei-vos ao Senhor.” Sim, mas se consagre do modo bíblico. Encha suas mãos de CRISTO e traga CRISTO a Deus. Diga a Ele que tudo deve ser pela graça, que você é espiritualmente falido à parte da graça, mas se lança na graça para fazer o que você não pode fazer por si mesmo. Diga a Ele que você confia n'Ele para “escrever Suas leis em sua mente para que você possa conhecê-las, e em seu coração para que você possa executá-las”. Diga a Ele que você morreu n'Ele, que foi sepultado com Ele, que foi ressuscitado com Ele e agora, vivificado

dentre os mortos, confia n'Ele para viver Sua vida de ressurreição por você.

Tudo é pela graça. Aprenda a ampliar a graça de Deus. Em cada nova visão da sua própria falha em querer ou fazer, tanto a respeito da consagração como em todo o resto, glorie-se na graça que se compromete em fazer tudo e tome de novo a Cristo para todas as suas necessidades.

3. O diabo usa as palavras de outros cristãos para levar almas para a escuridão. Paulo disse: “Agora, pois, vemos apenas um reflexo obscuro... agora conheço em parte”. O grande santo, embora possa ter se tornado perfeito em amor, ainda é imperfeito em conhecimento. Ele apenas conhece em parte. Não é esta a razão pela qual muitas vezes um cristão, em dificuldade de alma, se volta em dor para um companheiro crente? O outro não entende que ele deve ser tratado como uma cana quebrada que não deve ser esmagada, e mais uma vez a cena descrita em Cânticos é interpretada: “As sentinelas me encontraram enquanto faziam a ronda na cidade. Bateram-me, feriram-me”. Desse modo, o cristão é conduzido à mais profunda escuridão. Ou talvez ele seja impelido a alguma forma de serviço antes do dia em que o poder de Deus tenha vindo. Ele é advertido sobre os juízos de Deus o alcançarem se desobedecer, e prossegue com a maldita ameaça que o assombra por anos.

Há purificação

Sim! Há purificação! Ouse crer que qualquer coisa que tire de você a visão do amor de Deus não é d'Ele. Ouse crer que qualquer coisa que minimize a Sua graça não é d'Ele. Ouse crer que o amor de Deus é por você. Ouse crer que a graça de Deus é para você. Agora mesmo, na densa escuridão, confie nesse amor, nessa graça. Abandone essas ideias distorcidas d'Ele que foram formadas pela malícia de Satanás. Levante o escudo da fé mais uma vez e diga como Jó: “Embora ele me mate, ainda assim esperarei nele” e louve a Deus. Sim, louve-O agora. Não espere até que a escuridão passe para louvá-LO. O caminho para fora dela e o caminho através dos muros da Salvação são pelas portas do LOUVOR. “Aquele que oferece o sacrifício de louvor me glorificará; e àquele que bem ordena o seu caminho eu mostrarei a salvação de Deus” (Sl 50:23).

O REINO TOMADO À FORÇA

Paul Bartel

“Desde os dias de João Batista até agora, o reino dos céus é tomado à força, e os que usam de força se apoderam dele” (Mt 11:12).

O Evangelho é uma mensagem de amor e perdão, mas não devemos negligenciar o fato de que, basicamente, o reino que João Batista apresentou e que o nosso Senhor pregou é um reino tomado à força.

O estabelecimento do reino do céu em uma atmosfera tornada hostil pelo príncipe deste mundo não requereu nada menos do que violenta revolta. Os homens e as mulheres que se aclimataram a este mundo devem ser condicionados e preparados para a cidadania naquele reino eterno. Deus, pelo

nada será correto. Você não pode ajudar ninguém se não amar. Você não pode fazer nenhum bem no mundo a menos que tenha amor no seu coração. Sem amor, o seu testemunho e ensino serão inúteis. A única coisa que se requer para manter unidos os cristãos é o amor.

Quando Jesus deixou Seu pequeno rebanho de seguidores, Ele não lhes deu nenhuma nova instrução. Ele não falou com eles sobre instituições e organizações, sobre ordens do ministério e dos sacramentos, da política da Igreja e assim por diante. Ele sabia que tudo isso viria. Seu único mandamento foi: “Amai uns aos outros”, isso o fará sábio. A única coisa necessária era que eles deviam ser unidos como verdadeiros imitadores da Sua vida. O amor era suficiente como a lei e o guia deles.

O padrão

“Como Eu vos amei. Ninguém tem maior amor do que este, de dar alguém a sua vida pelos seus amigos.” Cristo Se põe à frente, como faz em todos os aspectos da conduta e caráter humanos, como o ideal para todos eles. Ele diz, de fato: “Eu sou a incorporação de tudo o que o amor deveria ser. Você não pode Me superar, nem ter algo mais puro, mais profundo, mais abnegado, mais perfeito, do que o amor que tenho por você”.

Mas o padrão que Ele impõe a nós é mesmo maior do que parece à primeira vista. Um ou dois versos antes o nosso Senhor tinha dito: “Como o Pai me amou, também eu vos amei a vós”. Agora Ele diz: “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei”. Aqui estão os três: o Pai, o Filho e o discípulo. O Filho no meio recebe e transmite o amor do Pai ao discípulo, e o discípulo deve amar os seus amigos, do mesmo modo profundo que o Pai amou o Filho. Deus é amor, e a forma pela qual podemos nos parecer com Ele é amar. Em todas as nossas outras atitudes, dependemos d'Ele em vez de imitá-LO. Sua plenitude encontra-se em nosso esvaziamento, Sua doação em nossa recepção, Sua fidelidade em nossa fé, Seu mandamento em nossa obediência. Mas aqui não é uma questão de dependência, mas de semelhança. Minha fé retribui o dom de Deus, mas meu amor deve se parecer com o amor de Deus – “Sede imitadores de Deus como filhos amados” –, e tendo recebido esse amor em seu coração, distribuem-no, “vivei em amor como Deus vos amou”.

Mas então o nosso Senhor, de um modo muito maravilhoso, estabelece o ponto mais central da Sua obra, até mesmo da Sua morte na Cruz por nós, como o padrão ao qual a nossa pobre afeição deveria aspirar, e com o qual devemos ser conformados. O nosso Senhor não está falando aqui da Sua morte por nós, nem das questões que dependem dela, e dela somente, a redenção e salvação do mundo. Ele também não está falando do sentido único no qual Ele deu a Sua vida por nós, Seus amigos e irmãos, como ninguém mais pode fazer. Ele está falando sobre o aspecto de ser uma rendição voluntária para o bem daqueles que Ele amou, e que, Ele nos diz, esse nada mais é do que o verdadeiro padrão e modelo, pelo qual todo o nosso amor deve aspirar. O centro do amor que Ele ordena é autoabnegação, até a morte se for necessário.

Ninguém ama como Cristo amou se não carrega em seu coração o

O NOVO MANDAMENTO

Alexander Maclaren

“O meu mandamento é este: Que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei. Ninguém tem maior amor do que este, de dar alguém a sua vida pelos seus amigos” (Jo 15:12-13).

Quatro títulos me são sugeridos pelo nosso texto:

A obrigação

Os dois conceitos de mandamento e amor não caminham bem juntos. Você não pode incitar o amor através de uma ordem, e se você o tenta fazer geralmente produz a hipocrisia sentimental, vazia e irreal. Mas embora isso seja verdade, e embora pareça estranho dizer que nós somos ordenados a amar, ainda assim podemos fazer muito, direta e indiretamente, para o cultivo e fortificação de qualquer emoção. Os nossos sentimentos em relação a outros cristãos estão basicamente sob nosso próprio controle e por isso são componentes sujeitos a mandamento.

O nosso Senhor deposita sobre todos os cristãos a obrigação de alimentar uma bondade e amor em relação a todos que encontram seu lugar dentro do círculo da Sua Igreja. É uma obrigação porque Ele o ordena. Ele se põe aqui na posição de Legislador absoluto, que tem o direito de todo controle sobre os nossos afetos e nosso coração. E, além disso, é obrigatório porque tal atitude é a única expressão da prova do relacionamento mútuo dos cristãos pelo relacionamento comum deles com Ele.

É a condição presente da cristandade, nossas atitudes uns para com os outros nas várias igrejas e comunhões do nosso próprio país e de outros, o tipo de coisa à qual Jesus Cristo Se referia? Somos obrigados, pelo Seu mandamento, a amar todo aquele que ama Jesus. Não importa que ele possa não seguir a sua teologia, não importa se ele é ignorante e limitado em comparação com você, não importa que o seu ponto de vista possa ser inteiramente diferente do dele. Não importa que você seja rico e ele pobre, ou você pobre e ele rico. Deixe que todos esses motivos de união ou separação sejam abandonados e vamos reconhecer isso, que os filhos do Pai são irmãos.

A suficiência

O nosso Senhor tinha falado nos versos anteriores de guardar os Seus mandamentos. Agora Ele reúne todos eles em um. “O Meu mandamento é este: amai uns aos outros.” Todos os deveres para com o nosso próximo, e nossos irmãos, estão resumidos na palavra “amor”.

Quando o coração é correto, a conduta será correta. O amor suavizará os tons, ensinará instintivamente o que deveríamos ser e fazer, tirará a amargura da oposição e diversidade, tornará até a repreensão gentil. Se o coração estiver correto, todo o resto será correto; se o amor estiver faltando,

Seu Espírito, está efetuando tal mudança dramática na alma das pessoas para que elas não apenas possam existir, mas viver ao máximo naquele reino ideal projetado para o remido.

“O reino dos céus é tomado à força.” Assim que tal reino foi ousadamente anunciado pelo profeta vestido de pele de camelo, aconteceu um tremendo abalo na ordem mundial. Jesus disse: “Não cuideis que vim trazer a paz à terra; não vim trazer paz, mas espada” (Mt 10:34). Começou uma dolorosa luta, o reino de amor por Deus se chocando com o reino em rebelião aberta contra Deus; o reino de amor pelos companheiros se chocando com o de ódio e ciúme; o reino de pureza se chocando com o de pecado e corrupção; o reino de luz penetrando no domínio da triste escuridão e o reino de saúde e poder destruindo o de doença e morte.

Certamente, tais opositores não podem entrar em contato sem uma violenta explosão. Quando o reino dos céus se move em uma vida humana, uma tremenda mudança acontece, e aqueles que foram mudados começam a amar seus inimigos, a confessar seus pecados e a negar a si mesmos.

Jesus disse de João: “Ele é o Elias que havia de vir”. Ele foi de fato o enérgico Elias. Elias selou os céus com suas orações e trouxe fogo do céu (2 Rs 1:10-12), e João ousadamente denunciou Herodes por tomar a esposa de seu irmão Felipe e ousou chamar a hierarquia religiosa do seu tempo de “raça de víboras”.

Quando o reino dos céus invade uma atmosfera amarga e hostil, cria uma grande fricção com o reino do príncipe do ar. O nosso Senhor disse: “... o que entre os homens é elevado, perante Deus é abominação” (Lc 16:15b). O reino dos céus sofreu violência desde o princípio e continuará a sofrer até que o reino do pecado e trevas seja derrubado e Satanás atado e lançado no abismo (Ap 20:2-3).

Há outro aspecto da verdade quanto ao reino dos céus expresso nas palavras “os que usam de força se apoderam dele”. Quando João Batista abriu as comportas do reino, jorrou água vivificante na terra, e o sedento apressou-se para beber. Aqueles que têm experimentado tal mudança em sua personalidade, pelo efeito do reino celestial sobre eles, se tornam fortes quando lutam para entrar.

Deve haver violência no tratamento com o ego. Aquelas coisas que Paulo contou como ganho teve de considerar como perda. Quando Cristo entrou nele, ele imediatamente deu meia-volta nos valores morais e espirituais. Não apenas as coisas pecaminosas e vis foram desconsideradas, mas até mesmo aquelas coisas que eram boas nele, mas não tinham nenhum valor espiritual e não faziam nenhuma diferença em relação ao reino, foram totalmente desconsideradas. O ego é algo que necessita de tratamento cruel dia após dia.

Também devemos ser violentos em nosso tratamento das atitudes para com o mundo. Aqui reside um dos paradoxos da vida cristã. Embora devamos amar todas as pessoas e desejar a salvação delas, não podemos amar as coisas do mundo e o comportamento daqueles que nele estão. Quando passamos a amar Cristo, esse amor expelle uma multidão de coisas más. As

coisas vãs que outrora nos encantavam devem ir-se quando nos tornamos ligados Àquele que é “completamente encantador”.

Isso leva à nossa terceira forma de violência: completa rendição e compromisso com o nosso Rei. Isso confundiu João. Por que ele teve de ser deixado no calabouço aparentemente negligenciado e esquecido por Aquele que ele mesmo tinha apresentado como o “Cordeiro de Deus”? Jesus disse: “E bem-aventurado é aquele que não se escandalizar em mim” (Mt 11:6). “Feliz é aquele que nunca perde a fé em Mim independentemente de como Eu o trato.” Jesus simplesmente assegurou a João que Ele era aquela Pessoa e que não necessitava procurar por outra. Ele não aliviou o sofrimento de João nem enviou libertação. Além disso, Ele permitiu que João fosse executado. Para os filhos do reino, não há lugar para questionar a liderança de Deus. Jesus requer a absoluta obediência dos Seus seguidores (Jo 21:22). Não é para eles escolherem a sua cruz, mas tomá-la das Suas mãos e segui-LO (Lc 9:23). Saber que se está andando nas Suas pegadas da obediência é a essência do discipulado.

O serviço no reino também requer total compromisso. É uma maravilha contínua para o não cristão tanto dentro como fora do país que homens e mulheres com visão imperecível de Cristo em suas almas possam ter tal indiferente abandono em relação às opiniões de amigos e algumas vezes até em relação às suas famílias. Imagine uma esposa insistir em ir à área onde seu marido foi cruelmente morto e servir ali em despreocupado abandono da sua própria segurança. Certamente, isso é o compelido amor que transcende todo outro amor. Paulo mencionou o poder motriz que o manteve em movimento quando disse: “E para isto também trabalho, combatendo segundo a sua eficácia, que opera em mim poderosamente” (Cl 1:29).

Um vasto exército de almas heroicas e dedicadas marchou através do panorama da história. Elas eram muito diferentes por causa da obra do Espírito de Deus nelas. Abraão arrancou as raízes e seguiu em peregrinação para a Terra Prometida. Sua peregrinação levou-o finalmente à rendição até daquilo que Deus tinha lhe dado, seu único filho. Jó perdeu saúde, bens e família, mas mesmo assim pôde proclamar: “Ainda que ele me mate, nele esperarei” (Jó 13:15). Moisés virou as costas para o Egito, com sua cultura, seu poder e seu orgulho: “Escolhendo antes ser maltratado com o povo de Deus, do que por um pouco de tempo ter o gozo do pecado” (Hb 11:25).

Estes foram homens cujos olhos se abriram para os valores eternos e, vendo suas riquezas, estavam dispostos a apostar tudo para abraçá-los. Eles sentiram no fundo do coração que esse era um reino pelo qual valia a pena viver e até mesmo morrer. É um reino que permanecerá depois de Satanás e seu trono serem depostos.

O problema com nossa pobre interpretação do reino hoje é que não há suficiente compromisso, nem dentro do coração nem na expressão exterior. Vamos levar isso em conta para que sejamos homens e mulheres de ação determinada em Seu reino.

PARA QUE É A CRUZ?

David Tryon

A cruz é para perder e não ganhar. “O que para mim era ganho”, escreveu Paulo, “reputei-o perda por Cristo”. Ele estava se referindo às coisas religiosas que tinham dado a ele satisfação à parte de Cristo. Quão frequentemente buscamos esse tipo de ganho em nossa vida cristã, procurando estabelecer um recorde de serviço cristão e utilidade, os quais podemos considerar com complacência e satisfação. Quando aprendermos a nos gloriarmos na cruz, cessaremos para sempre de contar nossos ganhos dessa forma.

A cruz significa desesperança, não autoconfiança. Houve alguma vez um clamor mais terrível de desesperança do que este: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparastes?”. A maneira do mundo é a maneira da autoconfiança. Muitos cristãos estão tentando fazer progressos à maneira do mundo. Mas a cruz nos separa de tudo isso, e devemos aprender que o lugar da completa desesperança em nós mesmos é o lugar do qual o poder de Deus flui.

A cruz significa desamparo e não autossuficiência. Você pode conceber alguém mais desamparado do que um homem pregado em uma cruz? “Não pode salvar a si mesmo”, eles zombavam. A maneira do mundo é pela força e autossuficiência. Ele não aprendeu que a potente vida e poder de Deus crescem no solo da fraqueza humana, que quando somos fracos, então somos fortes.

A cruz nos separa de toda autossuficiência e nos leva a nos gloriarmos apenas na fraqueza que dá lugar para Deus operar.

A cruz significa loucura e não sabedoria. Quão louca a cruz deve ter parecido em vista das reivindicações de Jesus. “Este é o Rei dos judeus.” O homem, em sua cegueira natural, ainda é incapaz de ver a sabedoria da maneira de Deus. O cristão muitas vezes irá se achar um homem de visão em terra de cego, um tolo entre muitos homens sábios. A cruz nos impede de tentar competir com a sabedoria do mundo e nos faz desejosos de sermos tolos por causa de Cristo.

A cruz significa vergonha e não respeito e aplauso. A cruz significou inexprimível vergonha para Jesus, e foram os nossos pecados que O levaram para lá. A cruz deve nos separar completamente do autoaplausos e da autofelicitação, ou qualquer busca de aplauso e felicitação do mundo. “Meu ego pecador, a minha única vergonha.” Como podemos nos gloriarmos de alguma coisa que somos em nós mesmos, quando os nossos pecados O levaram àquele lugar de vergonha. A cruz nos separa completamente de tal jactância. Nós “nos pomos no pó da glória morta da vida, e do seu solo floresce a vida perfeita, que será eterna.”

Possa o Senhor nos dar um pequeno vislumbre do significado por trás dessas maravilhosas palavras: “Longe esteja de mim gloriarm-me, a não ser na cruz...”.

A Revista "O Vencedor" pode ser enviada para qualquer lugar do mundo, a toda pessoa interessada, livre de quaisquer ônus.

Se você tem algum amigo que gostou da revista pedimos que nos informe seu nome e endereço para que possamos enviar-lhe gratuitamente um exemplar.

O financiamento deste ministério depende das doações dos leitores, e muito nos alegamos em saber que alguns dos nossos irmãos estão prontos para ajudar com alguma contribuição.

As ofertas de amor devem ser enviadas para o endereço da

Editora Restauração, assim como as demais correspondências. Operamos pela fé na provisão do nosso Senhor Jesus Cristo.

Esta obra é uma tradução fiel da "The Overcomer Magazine" com a devida autorização dos irmãos responsáveis por sua edição na Inglaterra há quase cem anos.

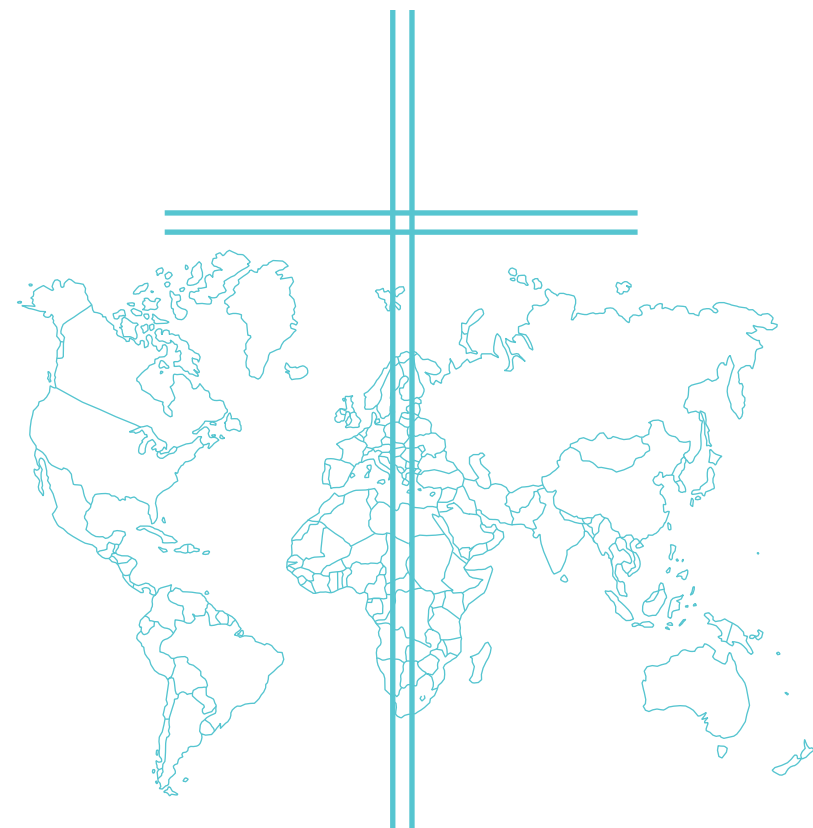
Dependemos da sua intercessão para que o trabalho de tradução, revisão, edição e publicação de "O Vencedor" seja dirigido e sustentado exclusivamente pelo Senhor.

A graça e a paz seja com todos.

Amém

O Vencedor

Outubro 2015 a Janeiro 2016



VIDA NELE

ENSINAMENTO BÍBLICO
PARA PROMOVER O
CRESCIMENTO ESPIRITUAL

O Vencedor

Versão em Português: Volume XII Número 2 Setembro 2015.
Traduzida por João A.F.Barros.
Revisada por Paulo C.Oliveira.
Publicada pela Editora Restauração.
Editada por João Alfredo F. Barros.

Original em Inglês: Volume XCVII Número 2 Julho 2015.
Fundada pela Sra. Jessie Penn-Lewis em 1909.
Publicada por The Overcomer Literature Trust.
Editada por Michael Metcalfe.

Conteúdo:

VIDA NELE

	Página
TRÁGICO FRACASSO DA FÉ TRIUNFANTE	
W. Mallis	1
CARTAS DOS EDITORES	3
“VÓS SOIS OS RAMOS” (Jo 15:5)	
Andrew Murray	4
A GRANDE DISCREPÂNCIA	
F. J. Huegel	7
“CHAMADO PELA GRAÇA” (Gl 1)	
J. C. Metcalfe	10
O SILÊNCIO DE JESUS	
Sra. Jessie Penn-Lewis	13
VITÓRIA EM CRISTO	
D. N. Carr	17

Toda correspondência concernente a esta revista,
doações para custear a sua publicação, mudanças de endereço,
etc., deve ser enviada para:

Editora Restauração - Revista "O Vencedor"
Caixa Postal: 1945
Curitiba - Paraná - Brasil
CEP 80.011-970
e-mail: editor@editorarestauracao.com.br

responderá tal oração. Ele nunca o fará melhor. O seu lugar e o meu é identificado com Ele na Cruz. Ele é completamente paciente: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem” (Lc 23:34). A nossa oração deve ser: “Senhor, Tu és completamente paciente, possa a Tua paciência se manifestar em mim”. Certamente nunca há nenhum crédito para nós porque é a Sua paciência, não a nossa. Onde quer que encontremos uma fraqueza em nosso caráter, encontramos a força oposta no Seu e é vitalmente importante que devemos “conhecê-IO” na Escritura para descobrir Suas características e então nos apropriar delas pela fé. Onde está o ponto do nosso fracasso? Encontramos orgulho em nossa vida? Ele sempre foi completamente humilde (Jo 13:4 e Fp 2:8). Encontramos impureza? Ele foi o cordeiro imaculado de Deus (Jo 8:46). Oramos pouco? Ele sempre estava em oração (Mc 1:35). Em Sua morte vimos a forma pela qual Ele morreu para o pecado – esse é o aspecto negativo. Em Sua vida vemos a forma pela qual Ele venceu o pecado – esse é o aspecto positivo. A nossa oração deve ser: “Senhor, sejas o que Tu és em mim”, e não “Senhor, faz-me mais como Tu és”.

Vimos que quando o nosso Senhor esteve nesta terra foi completamente vitorioso, “como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado” (Hb 4:15). Vimos que quando Ele morreu na cruz foi completamente vitorioso: “Pois, quanto a ter morrido, de uma vez morreu para o pecado” (Rm 6:10). Quando Ele foi ressuscitado dentre os mortos, foi completamente vitorioso sobre a morte e sobre todo o poder do mal, e agora quando, dia após dia, habitamos n'Ele em Sua morte para o pecado, e em Sua vida ressurreta vitoriosa sobre o pecado, também constataremos que “em todas estas coisas somos mais do que vencedores, por aquele que nos amou” (Rm 8:37).



conselho e presciência de Deus, prendestes, crucificastes e matastes pelas mãos de injustos; ao qual Deus ressuscitou, soltas as ânsias da morte” (At 2:23-24). “... a quem vós crucificastes e a quem Deus ressuscitou dos mortos...” (At 4:10). “E os apóstolos davam, com grande poder, testemunho da ressurreição do Senhor Jesus, e em todos eles havia abundante graça” (At 4:33). É certo dizer que a Igreja cristã cresceu da certeza absoluta de que Jesus Cristo foi realmente vivificado dentre os mortos.

Mas como isso nos afeta? Vimos em Romanos 6 a forma com a qual Paulo constantemente repetia que fomos reunidos, unidos, ou identificados com Cristo, na Sua morte. Paralelamente a isso, encontramos igual ênfase de que também fomos identificados com Ele em Sua vida de ressurreição. Vamos dar outra olhada em Romanos 6. “De sorte que fomos sepultados com ele pelo batismo na morte; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos, pela glória do Pai, assim andemos nós também em novidade de vida” (v. 4). “Porque, se fomos plantados juntamente com ele na semelhança da sua morte, também o seremos na da sua ressurreição” (v. 5). “...cremos que também com ele viveremos...” (v. 8). “Vivos para Deus em Cristo Jesus nosso Senhor” (v. 11). Em Colossenses 3:1-3, Paulo diz: “Portanto, se já ressuscitastes com Cristo... porque já estais mortos, e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus”. Novamente em Efésios 2:5-6, Deus “nos vivificou juntamente com Cristo... e nos ressuscitou juntamente com ele”. Em Filipenses 1:21, Paulo diz: “Para mim o viver é Cristo” e em Gálatas 2: 20: “Mas Cristo vive em mim”.

Essas passagens tornam bem claro que do mesmo modo pelo qual fomos unidos a Ele em Sua morte, também fomos unidos em Sua ressurreição. O Cristo ascendido é o mesmo Cristo que foi completamente vitorioso quando viveu na terra, que foi completamente vitorioso quando morreu sobre a cruz e é completamente vitorioso agora tendo sido ascendido dentro os mortos. Estamos n'Ele, unidos a Ele em Sua morte e ressurreição para que a Sua vitória se torne a nossa vitória, mas é somente quando, dia após dia, somos achados n'Ele e nos consideramos n'Ele para estarmos mortos de fato para o pecado e vivos para Deus é que entramos na realidade dessa vitória.

Eu posso tentar copiá-LO até o final dos meus dias, mas com a minha natureza caída simplesmente não posso fazê-lo e isso é verdade para todos nós. Somente Cristo foi realmente triunfante e vitorioso e é somente quando começamos a deixá-LO viver Sua vida vitoriosa em nós, pelo Seu Espírito, que também nos tornaremos vitoriosos. Como isso funciona na prática? Não podemos amar as pessoas como deveríamos, mas Jesus Cristo pode. Aquela pessoa que simplesmente não podemos suportar, Jesus Cristo a ama e morreu por ela justamente do mesmo modo que nos amou e morreu por nós. O segredo não é orar para que possamos melhorar e nos tornar mais amorosos. Cristo não veio para melhorar a nossa velha natureza, mas crucificá-la, para que Ele pudesse começar a amar por nós.

Mas você diz: “Sou tão impaciente, tentei vencer isso por toda a minha vida e orei para que o Senhor Jesus Cristo me fizesse mais paciente, mas de alguma forma a minha oração nunca foi respondida”. Não, Ele nunca

TRÁGICO FRACASSO DA FÉ TRIUNFANTE

W. Mallis

“Naquela noite nada apanharam.”

“Disse-lhes, pois, Jesus: Filhos, tendes alguma coisa de comer?”

“Responderam-lhe: Não.” (Jo 21:3-5)

“Mestre... sobre a tua palavra, lançarei a rede.” (Lc 5:5)

O “Não” de um Trágico Fracasso

Esses pescadores tinham estado labutando toda a noite, mas sem êxito. A labuta da noite foi um fracasso e tiveram de confessar, em resposta à pergunta do Mestre, que não tinham nada para comer. No verso cinco, temos o registro do resultado da labuta na energia humana, enquanto o verso seis contém o resultado do serviço na vontade do Mestre e feito da Sua forma.

Essa aventura, que terminou tão desastrosamente em redes vazias e deixou os trabalhadores cansados e com fome, originados de um impulso humano expresso em um muito enfático “Eu” – “Vou pescar” (Jo 21:3). O homem que diz tão enfaticamente aqui sobre o que está indo fazer é o mesmo homem a quem o Mestre disse, em Mateus 4:19: “Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens”, e Pedro tinha deixado imediatamente as suas redes e tinha seguido Jesus. A sua ação nesse capítulo sugere um abandono daquele chamamento e um regresso às coisas que tinha deixado, e nesse regresso temos a razão do fracasso da labuta dessa noite com a sua confissão de pobreza.

O obreiro que deixa o chamamento e a vontade de Deus lança as suas redes em vão. Ele pode ter um barco e equipamento perfeitos, mas algo mais do que o mero equipamento humano é necessário para vivificar almas. A determinação humana, o treinamento intelectual ou a experiência passada não encherão as redes do serviço cristão. Devemos estar na vontade de Deus e prontos para lançar a rede no lugar de SUA escolha. Vamos nos guardar de nos desviar de um chamamento divino. Se não, quando o Mestre fizer esta pergunta examinadora: “Tendes alguma coisa de comer?”, teremos de responder “Não”.

Além disso, aquele que se desvia da vontade de Deus inflige um dano irreparável sobre outros. “Também nós vamos contigo” (Jo 21:3) sugere o pensamento de que nunca deixamos a vontade de Deus sozinhos. Os outros são arrastados junto. O mais amargo sofrimento de Pedro, quando ele refletiu sobre aquela noite vergonhosa de fracasso, deve ter sido o reconhecimento de como o seu exemplo tinha desencaminhado outros. Possa o Mestre nos salvar de alguma vez experimentar a amargura de tal hora. Outros estão dizendo todos os dias: “Também nós vamos contigo”. Para onde os estamos conduzindo? Estamos conduzindo-os para uma noite de labuta infrutífera com suas redes vazias e esforço desperdiçado ou para uma manhã alegre de colheita na vontade de Deus?

“Foram, e subiram logo para o barco” (Jo 21:3). O esforço próprio normalmente é caracterizado pela pressa e um medo de que os nossos planos sejam frustrados. É o tempo de espera na vida que prova a realidade da nossa

confiança em Deus. Tais tempos de espera são cheios de grandes possibilidades de enriquecimento ou trágico fracasso espiritual. Vamos nos guardar da pressa de um impulso simplesmente humano. É melhor esperar pelo Mestre do que gastar a noite na labuta infrutífera e ter de estar diante d'Ele no raiar do dia com as redes vazias, somente para responder à Sua ardente pergunta com um trágico “Não”.

Nestes dias de valores trocados e padrões rebaixados, vamos ser autênticos para com o chamamento que veio a nós na hora em que o Mestre disse: “Siga-me”, e deixemos tudo imediatamente. Este é o caminho para a visão desanuviada e o descanso da alma.

Fé Triunfante

“Mestre... sobre a tua palavra, lançarei a rede” (Lc 5:5).

Para apreciar a afirmação de Pedro, devemos estudar o contexto, que trará à luz algumas verdades muito preciosas. Temos aqui uma ilustração da forma na qual a fé triunfa sobre o completo fracasso. “Mestre, havendo trabalhado toda a noite, nada apanhamos.” Tinha sido uma noite de labuta infrutífera. As redes estavam vazias, mas, apesar do fracasso da noite, a fé de Pedro ousou obedecer ao Mestre no mesmo lugar onde a habilidade e a labuta tinham resultado tão infrutíferas apenas algumas horas antes. Não há nada que paralise o esforço como o fracasso, e muitas vezes nos sentamos na presença de uma grande oportunidade e não conseguimos colher a sua riqueza por causa da consciência da derrota de ontem. No caso diante de nós, a fé se eleva acima do fracasso e considera a coisa impossível como possível por causa da palavra do Mestre. O verdadeiro crente nunca pode ser derrotado. A fé simples desafia o impossível e conta com a fidelidade do Mestre.

Em segundo lugar, a fé triunfa sobre a fraqueza física. “Havendo trabalhado toda a noite.” A palavra traduzida como 'trabalhado/labutado' significa estar desgastado com o trabalho ou aborrecido com a labuta. A mesma palavra é usada em João 4:6, onde lemos sobre o Mestre estando “cansado” com a Sua viagem. Apesar do esgotamento e cansaço, Pedro responde ao chamamento do Mestre e lança a sua rede mais uma vez; seu cansaço foi superado pelo exercício da fé simples na palavra do Mestre. Em Romanos 8:11, lemos: “E, se o Espírito daquele que dentre os mortos ressuscitou a Jesus habita em vós, aquele que dentre os mortos ressuscitou a Cristo também vivificará os vossos corpos mortais, pelo seu Espírito que em vós habita”. Não foi algo dessa experiência vivificante que Pedro experimentou quando respondeu ao chamamento do Mestre? O cansaço foi esquecido quando a fé se lançou adiante para o seu alvo em Deus. Quão alegres e habilitadoras são as promessas e os mandamentos do Mestre.

Em terceiro lugar, a fé triunfa sobre as contradições do costume. Não era costume de Pedro ir pescar de manhã ou ser dirigido por um marinheiro de primeira viagem quanto a como ou onde lançar a sua rede, mas há algo na voz e na presença do Mestre que compele à obediência, e mais uma vez a fé triunfa, dessa vez sobre o preconceito e o hábito, e grita: “Sobre a tua palavra, lançarei a rede”.

perceber é que devemos considerar sobre um fato histórico que se realizou no passado. Não estamos dizendo que “ainda estou vivo e agora considero e considero e considero e ficarei morto”. Estamos considerando o fato de que Cristo MORREU para o pecado, e quando Ele morreu, morremos com Ele.

Essa consideração não deve ser um trabalho e uma luta, mas um descanso tranquilo e confiante no que Ele fez. Como então agimos quando somos tentados a pecar? Lembre-se de que o princípio de pecado ainda está dentro de nós. Continuaremos sendo tentados enquanto vivemos nesta terra, do mesmo modo que o Senhor Jesus Cristo foi. O diabo não está morto, embora ele tenha sido derrotado pelo Senhor Jesus Cristo.

É quando habitamos em Cristo, em Sua morte para o pecado, que a Sua vitória se torna nossa. “Pois tens sido um refúgio para mim, e uma torre forte contra o inimigo. Habitarei no teu tabernáculo para sempre; abrigar-me-ei no esconderijo das tuas asas” (Sl 61:3-4). “Tu és o lugar em que me escondo” (Sl 32:7 e 119:114).

Qual é o ponto em que somos tentados? Impaciência? Ele morreu para isso e nós morremos n'Ele. Ciúme? Ele morreu para isso. Egoísmo? Ele morreu para isso. Qualquer pecado que quisermos nomear, Ele morreu para o tal, e como habitamos n'Ele, assim n'Ele também morremos. Esse é o lado negativo da Sua vitória. Através da Sua morte o pecado foi neutralizado.

Na Sua ressurreição, Ele foi completamente vitorioso.

A ressurreição do Senhor Jesus Cristo é crucial para uma vida cristã vitoriosa; na verdade, à parte dela não pode haver nenhuma vitória. O diabo tinha causado o maior mal possível. Toda a fúria dos homens inspirados pelo diabo tinha sido acumulada sobre o Senhor Jesus Cristo. Ele tinha sido cravado na cruz e tinha morrido. Certamente isso era o fim; NÃO, ao terceiro dia Deus O ressuscitou dos mortos.

Creio que este é um fato histórico. Por quase 2.000 anos os homens tentaram refutá-lo e falhavam. No momento da ressurreição de Cristo Seus inimigos, que estavam naquele mesmo lugar, falharam em comprovar o erro dos discípulos. O número de Seus aparecimentos e a forma pela qual as diferentes pessoas foram convencidas dá evidência esmagadora para o fato da ressurreição. Maria Madalena O reconheceu pela Sua voz (Jo 20:16). Tomé O reconheceu pelas marcas dos cravos em Suas mãos e a ferida de lança no Seu lado (Jo 20:27). Os discípulos na sua casa em Emaús O reconheceram pela forma com que Ele partiu o pão. Em 1 Coríntios 15, temos uma lista das pessoas a quem Ele apareceu, culminando em uma aparição a mais de 500 ao mesmo tempo (v. 8).

Além de tudo isso, a maior evidência é a transformação que veio sobre os discípulos. Antes da morte e ressurreição de Cristo os vemos como um bando fraco, espalhado e derrotado de homens: “Então, deixando-o, todos fugiram” (Mc 14:50). Depois do Pentecostes eles se encontravam testemunhando o fato da ressurreição, apesar da virulenta oposição daqueles que foram diretamente responsáveis pela Sua crucificação. Nos primeiros capítulos de Atos dos Apóstolos, ecoa a mensagem: “A este que vos foi entregue pelo determinado

(Jo 8:46). Seu Pai disse: “Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo” (Mt 3:17). Pilatos não pôde encontrar nenhuma culpa n'Ele (Lc 23:14). Judas percebeu que tinha traído sangue inocente (Mt 27:4). O centurião responsável pelo pelotão de execução reconheceu que Ele era “um homem justo” (Lc 23:47) e o ladrão penitente viu que “este nenhum mal fez” (Lc 23:41). Mas possivelmente uma das coisas mais maravilhosas sobre o Senhor Jesus Cristo foi que, sendo homem perfeito, Ele “como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado” (Hb 4:15).

“Como nós”, Ele ficou cansado, contudo teve tempo para a mulher de Samaria (Jo 4:6). Ele foi atormentado pelas multidões, contudo sempre teve tempo para satisfazer as necessidades delas (Mt 14:13-21). Ele foi rodeado pelas crianças, contudo parou para tomá-las em Seus braços e abençoá-las (Mc 10:13-16). Ele foi mal entendido, contudo nunca perdeu Sua paciência. Ele foi desapontado, todos os Seus discípulos O abandonaram e fugiram, mas Ele prosseguiu calmamente em Seu caminho (Mt 26:56). Ele foi falsamente acusado e sofreu terrivelmente, porém ficou em silêncio diante de Seus acusadores (Mt 27:26). Ele foi cruel e injustamente crucificado, no entanto pediu pelo perdão de Seu Pai para os Seus perseguidores (Lc 23:34). Ele foi tentado em tudo, assim como nós somos, mas sem pecado.

Quando Ele morreu na cruz, foi completamente vitorioso.

Ele morreu para o pecado “de uma vez” (Rm 6:10). Durante Sua vida na terra descobrimos que Ele era o alvo especial do diabo. Repetidas vezes Satanás fez o possível para ocasionar Sua queda, mas nunca tinha sucesso. Nosso Senhor venceu no deserto (Mt 4:1-11), e note a forma pela qual usou a Palavra de Deus para ganhar essa vitória, e a forma com que o diabo ausentou-se d'Ele apenas por algum tempo (Lc 4:13).

Em Mateus 16:23, encontramos Satanás voltando ao ataque e através de Pedro tenta o nosso Senhor para evitar a cruz. No Getsêmani, seguramente Ele foi tentado do mesmo modo para evitar todo o horror da separação de Deus Seu Pai, como resultado de levar os pecados de todo o mundo. Novamente, até mesmo enquanto está na cruz as palavras são lançadas sobre Ele: “Confiou em Deus; livre-o agora, se o ama” (Mt 27:43). Ele “de uma vez morreu para o pecado”.

Mas como tudo isso nos afeta? Se olharmos para Romanos 6, veremos que repetidas vezes Paulo indica que o cristão foi unido a Cristo em Sua morte. “Ou não sabeis que todos quantos fomos batizados em Jesus Cristo fomos batizados na sua morte?” (v. 3). “De sorte que fomos sepultados com ele pelo batismo na morte” (v. 4). “Fomos plantados juntamente com ele na semelhança da sua morte” (v. 5). “Sabendo isto, que o nosso homem velho foi com ele crucificado” (v. 6). “Ora, se já morremos com Cristo...” (v. 8).

Você entende o que Paulo está querendo dizer? Ele está dizendo: “Quando Cristo morreu, você morreu n'Ele. Você é um com Ele em Sua morte. Assim como Cristo morreu para o pecado definitivamente, n'Ele você morreu para o pecado definitivamente. Agora considere isso”. “Assim também vós considerai-vos certamente mortos para o pecado” (v. 11). A coisa importante a

Notamos aqui que Pedro é muito cuidadoso ao afirmar a condição na qual faz esta aventura corajosa, pessoal: “Sobre a tua palavra”. Nessas palavras temos a afirmação de tudo o que a fé necessita para prosseguir – a pessoa e a palavra do Mestre – e sobre essa autorização a Igreja levou a cabo seus grandes empreendimentos missionários por todos os séculos. A consciência da presença do Mestre e a convicção de que Aquele que prometeu é fiel têm sido a dinâmica dos grandes empreendimentos de fé que enviaram os mensageiros do evangelho aos confins da terra com a mensagem da cruz. E esse fato seguro da presença do Mestre não é apenas o poder da propagação do evangelho, mas é também a dinâmica da vida cristã. Que força há em meio aos problemas da vida o estar consciente da presença do Mestre e descansar em Sua fidelidade. Obstáculos são removidos, caminhos escuros são iluminados, grandes coisas são empreendidas e realizadas pela fé em Sua vivificante palavra.

Qualquer que seja a tarefa que esteja à nossa frente hoje, e por mais conscientes que sejamos da nossa incapacidade de executá-la, vamos elevar os olhos para a face d'Aquele que chama e dizer: “Porque Tu assim o dizes, obedecerei”.

Do livro *The Way of the Wind* (O Caminho do Vento).

CARTAS DOS EDITORES

Meus Caros Amigos:

Muitas e muitas vezes em suas cartas Paulo usa expressões como “em Cristo”, “com Cristo” e “por Cristo” e escreve sobre as riquezas disponíveis a todos que “vivem em Cristo” – a carta de Paulo aos cristãos efésios está cheia de tais riquezas.

Nesta edição de O Vencedor vemos algumas riquezas a serem desfrutadas quando vivemos n'Ele e alguns perigos a serem evitados se não ficarmos perto do Mestre.

Possamos todos nós aprender a andar diariamente com o Senhor e ser assim habilitados a testemunhar da Sua graça salvadora.

O amor e a graça do Senhor Jesus esteja com todos vocês.

Em Nome do Salvador,

Michael Metcalfe

Amados Irmãos

Aquilo que o nosso Senhor Jesus disse em João 10:10: “Eu vim para que tenham vida, e a tenham com abundância”, muitas vezes é mal interpretado pelos cristãos.

Alguns entendem essa “vida abundante” como uma vida de abundância neste mundo, uma vida de riquezas e prosperidade aqui na terra. Mas, na verdade, nosso Senhor estava falando de outra qualidade de vida – da Sua vida. Esta é a verdadeira e única vida de abundância que alguém vai desfrutar depois que nasce de novo em Cristo Jesus.

A vida que o cristão recebe do Senhor Jesus, além de abundante, é eterna. Esta qualidade de vida é a própria vida do Senhor no cristão. É preciso que o cristão creia e entenda que, depois de sua conversão, sua posição é nos lugares celestiais em Cristo Jesus. Por isso, sua vida aqui na terra é uma vida abundante n'Ele.

A definição de vida cristã que está em Gálatas 2:20 – “Vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim” – aponta claramente para essa nova vida que vive dentro do cristão. Na verdade, a vida cristã não é uma vida *transformada*, mas sim uma vida *transplantada*. É a substituição da vida “em si mesmo” pela “vida n'Ele”.

Que o Espírito Santo possa nos convencer e nos conduzir à verdade de que hoje temos uma “vida n'Ele” e não em nós mesmos. Amém.

João Alfredo

“VÓS SOIS OS RAMOS” (Jo 15:5)

Andrew Murray

Que coisa simples deve ser um ramo, o ramo de uma árvore ou o ramo de uma videira. O ramo brota da videira e ali cresce e no devido tempo produz frutos. Ele não tem nenhuma responsabilidade exceto a de receber da raiz e do tronco seiva e alimento, e se nós, pelo Espírito Santo, plenamente experimentarmos este relacionamento com Jesus Cristo, nossa videira, o nosso trabalho seria mudado para uma coisa maravilhosa. Em vez de haver cansaço ou esgotamento, nosso trabalho seria uma nova experiência que nos ligaria a Jesus, mas muitas vezes o nosso trabalho fica entre nós e Jesus.

Muitos trabalhadores da vinha se queixaram de que há muito trabalho e nenhum tempo de comunhão íntima com Jesus, que o trabalho enfraquece a disposição para a oração e o contato com outros obscurece a vida espiritual. É um triste pensamento o de que a frutificação deve separar o ramo da videira porque consideramos o nosso trabalho como algo além do ramo que dá frutos.

A Vida de Ramo

Em primeiro lugar, a vida de ramo é uma vida de absoluta

iminente.

Silenciosos na 'sala do julgamento' quando criticados e falsamente acusados.

Oh ungido Cristo, oh Cordeiro de Deus, somente Tu podes viver esta vida de autoanulação silenciosa em um mundo de autoafirmação e amor-próprio. Viva esta vida em mim.

“Estes são os que seguem o Cordeiro para onde quer que vá” (Ap 14:4).

VITÓRIA EM CRISTO

D. N. Carr

Com muitos de nós a vida cristã é uma experiência de altos e baixos. Em um momento parecemos estar bem no topo, há um sentimento de gloriosa comunhão com o Senhor Jesus Cristo, encaramos a vida com um céu limpo e um saltitar em nosso passo, mas no momento seguinte é justamente o contrário, estamos caídos, nas próprias profundezas da depressão, e não conseguimos subir para fora mesmo fazendo de tudo.

Há tantas coisas que parecem nos deprimir. Os nossos tempos de devoção pessoal, que muitas vezes foram de tanta alegria, se tornaram sem graça para nós e de alguma forma simplesmente parecemos incapazes de ir em frente, a nossa obra nos sobrepuja e ficamos impacientes e irritáveis. Algum pecado, que pensávamos ter vencido, mais uma vez levanta a sua horrível cabeça e vamos para baixo. O ciúme entra sem ser notado e nos encontramos até mesmo brigando com nossos companheiros cristãos, e as coisas no lar se tornam forçadas e imóveis. Então encontramos algum outro cristão que parece ser tão equilibrado e calmo, e isso nos faz sentir mais miseráveis ainda. Ou talvez vejamos algo mais da santidade de Deus e da perfeição da vida do nosso Senhor Jesus Cristo e isso nos lança no completo desespero.

Nossa posição pode ser resumida nas palavras de Paulo: “Porque não faço o bem que quero, mas o mal que não quero, esse faço. Ora, se eu faço o que não quero, já o não faço eu, mas o pecado que habita em mim. (...) Miserável homem que eu sou! Quem me livrará do corpo desta morte?” (Rm 7:19-20, 24). Não há como escapar? Devemos esperar continuar nessa experiência de altos e baixos o resto da nossa vida? Mil vezes NÃO! Há um caminho de vitória: “Dou graças a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor” (Rm 7:25).

O segredo dessa vitória é se encontrar em um lugar apenas, ou melhor, em uma pessoa apenas, em nosso Senhor Jesus Cristo. É quando estamos n'Ele que Sua vitória pode e realmente se torna a nossa vitória.

Vamos olhar para a perfeição da vitória de Cristo.

Quando Ele viveu na terra, foi completamente vitorioso.

Ele, e somente Ele, nunca caiu no pecado. Ele foi capaz de enfrentar todos os seus inimigos e perguntar: “Quem dentre vós me convence de pecado?”

palavras: “Vós sabereis mais tarde”. O Espírito Santo lhe ensinará, espere. Vamos deixar as nossas próprias perguntas com Deus e levar outros corações interrogadores a fazer o mesmo, sabendo que no tempo de Deus saberemos tudo o que Ele achar ser bom que saibamos.

Seu Silêncio na falsa acusação

“E os principais dos sacerdotes o acusavam de muitas coisas; porém ele nada respondia. E Pilatos o interrogou outra vez, dizendo: Nada respondes? Vê quantas coisas testificam contra ti. Mas Jesus nada mais respondeu, de maneira que Pilatos se maravilhava” (Mc 15:3-5).

Pedro escreveu anos depois desse maravilhoso silêncio do Deus-Homem: “O qual, quando o injuriavam, não injuriava, e quando padecia não ameaçava” (1 Pe 2:23). Seu silêncio foi divino. Nenhum mero ser humano podia ter ficado mudo desse modo, e sendo inocente e sem culpa permite-se ser conduzido como uma ovelha para a matança, ser como uma ovelha muda nas mãos dos tosquiadores. Esse silêncio diante de Pilatos e então o silêncio na cruz em meio de indizível agonia, silêncio quebrado somente sete vezes com breves palavras de maravilhoso significado, esse silêncio de Jesus era o clímax para uma vida de silêncio divino em circunstâncias em que os homens normalmente falam. Uma vida de silenciosa espera até os trinta anos de idade antes de ingressar no ministério público e tornar Seu caminho até a cruz parecido com o de um cordeiro; uma vida de silêncio sobre a inexprimível glória com Seu Pai e de indizível sofrimento nas mãos dos homens; de terno silêncio a respeito das bênçãos a outros e a respeito do intento de traição de Judas. Este é o padrão para todos que seguiriam Seus passos. O padrão para aquele que andaria como Ele andou, por Ele andar novamente neles. Isso só pode acontecer quando aceitamos o chamamento (1 Pe 1:15) e tomamos a Sua cruz como a nossa cruz, aceitando que morremos n'Ele e com Ele.

Esta é a única forma de podermos viver para Deus e de o silêncio de Jesus poder ser conhecido em realidade. Seremos:

Silenciosos em nosso humilde serviço no meio dos outros, não procurando sermos vistos pelos homens.

Silenciosos sobre a glória das horas no Monte, para que os outros não pensem muito elevadamente de nós.

Silenciosos sobre as profundezas do caminho do Calvário que nos conduziu a Deus.

Silenciosos sobre os instrumentos humanos autorizados por Deus a nos entregar à sala do julgamento e renunciar o nosso mais íntimo e mais caro.

Silenciosos enquanto estamos servindo àqueles que nos traíram.

Silenciosos sobre as coisas profundas de Deus reveladas no lugar secreto do Altíssimo, coisas que “não é lícito falar”.

Silenciosos sobre questões a serem respondidas somente por Deus o Espírito Santo, quando o dia alvorece para a gloriosa revelação d'Aquele que é a resposta para toda a nossa necessidade.

Silenciosos quando forçados por outros a tomar alguma posição em que a aparente rivalidade com outro servo mais usado por Deus parece

dependência. O ramo não tem nada, ele depende da videira para tudo. Se pudermos apenas aprender a cada momento do dia a depender de Deus para tudo. Vamos nos lembrar de que cada cacho de uvas era absolutamente dependente da videira, e assim nós devemos ser de Jesus. A videira tinha o trabalho a fazer, e os ramos tinham de depender da videira e receber o que ela dava para produzir o fruto. Preciso entender que quando tenho de trabalhar, quando tenho de pregar um sermão, dirigir uma escola bíblica ou sair para visitar, a responsabilidade pelo trabalho é de Cristo. Isso é exatamente o que Cristo quer que entendamos. Cristo quer que percebamos que todo o nosso trabalho deve descansar sobre o fundamento de que Ele cuida de tudo.

E como Ele consegue a confiança nessa dependência? Ele o faz enviando o Espírito Santo, não de vez em quando como um dom especial, para lembrar de que a relação entre a videira e os ramos é tal que a toda hora, diariamente, incessantemente, a viva conexão é mantida. A seiva não flui durante algum tempo e então para, e logo flui novamente, mas a todo o momento a seiva flui da videira para os ramos. E exatamente assim o nosso Senhor Jesus quer que tomemos essa abençoada posição como um obreiro, e a toda hora, dia após dia, passo a passo, em cada trabalho que temos de fazer, permanecer n'Ele, em simples, completo desamparo de alguém que não sabe nada, não é nada e não pode fazer nada.

Se eu for algo, então Deus não é tudo, mas quando me torno nada, Deus pode se tornar tudo, e o Deus eterno, em Cristo, pode revelar a Si mesmo plenamente. Tornar-se nada, tornar-se mais pobre, menor e mais incapaz para que Cristo possa operar em nós. A absoluta dependência de Deus é o segredo de todo o poder na obra. O ramo não tem nada além daquilo que toma da videira, e não podemos ter nada além do que recebemos de Jesus.

Em segundo lugar, a vida do ramo não é apenas uma vida de total dependência, mas de profundo descanso. A primeira coisa que precisamos é vir e descansar no Senhor Jesus. Se tivermos de ser um verdadeiro ramo de Cristo, a Videira Viva, devemos descansar n'Ele e deixar Cristo assumir a responsabilidade.

O Senhor Jesus quer operar através de nós. Se sentirmos falta de um amor ardente, ele virá de Jesus. Ele dará do amor divino em nosso coração com o qual podemos amar aqueles que estão à nossa volta. Esse é o significado da certeza de que “o amor de Deus está derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Rm 5:5) e daquela outra palavra que diz que “o amor de Cristo nos constrange” (2 Co 5:14). Cristo pode nos dar uma fonte de amor para que não deixemos de amar o mais vil e ingrato dentre aqueles que nos aborreceram no passado. Descansemos em Cristo, que pode dar sabedoria e força, e esse descanso muitas vezes comprovará ser a melhor parte da nossa mensagem.

Um terceiro pensamento. O ramo ensina uma lição de muita fecundidade. O Senhor Jesus repetiu a palavra fruto muitas vezes na parábola. Ele falou primeiro de fruto, então de mais fruto e logo a seguir de muito fruto. Sim, fomos escolhidos não apenas para dar frutos, mas para dar muito fruto:

“Nisto é glorificado o Pai, que deis muito fruto” (Jo 15:8). Em primeiro lugar, Cristo disse: “Eu sou a Videira verdadeira, e meu Pai é o lavrador” (Jo 15:1). Meu Pai é o Lavrador que está encarregado de Mim e de você. Ele é aquele que zelará pela conexão entre Cristo e os ramos, e é no poder de Deus, através de Cristo, que devemos dar fruto.

Poderíamos concordar que há muita obra, muita pregação, ensino e visita, muito esforço sério de todo tipo, mas muitas vezes não há muita manifestação do poder de Deus neles. Por quê? Porque há falta de conexão íntima entre o obreiro e a Videira celestial. Cristo, a Videira celestial, tem bênçãos que poderia derramar em dezenas de milhares que estão perecendo. Cristo, a Videira celestial, tem poder para fornecer uvas celestiais, mas “vós sois os ramos”, e não podemos dar frutos celestiais a menos que estejamos em conexão íntima com Jesus Cristo. Não confunda a obra com o fruto. Pode haver muita obra feita para Cristo que não é o fruto da Videira celestial. Não busque somente pela obra. Dar fruto significa a própria vida e poder, o próprio Espírito e amor dentro do coração do Filho de Deus, significa a própria Videira celestial vindo ao nosso coração.

Fique em conexão íntima com a Videira celestial e diga: “Oh, Senhor Jesus, nada menos do que a seiva que flui através de Ti, nada menos do que o Espírito da Sua vida divina é o que pedimos. Senhor Jesus, oramos, permita que Teu Espírito flua através de nós em toda a nossa obra para Ti”.

O Espírito Santo é a vida da Videira celestial, e o que devemos receber de Cristo é um forte fluir do Espírito Santo. Não espere que Cristo dê um pouco da força aqui e um pouco da bênção ali, e um pouco de ajuda ali adiante. Assim como a videira faz o seu trabalho de dar da sua própria seiva peculiar ao ramo, assim espere Cristo dar do Seu próprio Espírito Santo em nosso coração, e então daremos muitos frutos. E se apenas começamos a dar fruto, e estamos ouvindo a palavra de Cristo na parábola, “mais fruto”, “muito fruto”, lembre-se de que para que possamos dar mais fruto necessitamos somente mais de Jesus em nossa vida e coração. Procure hoje entender que a vida do ramo é uma vida de muito fruto, porque ela é uma vida arraigada em Cristo, a viva Videira celestial.

Um quarto pensamento. A vida do ramo é uma vida de comunhão íntima. A palavra que Cristo usou foi “permanecer”. A nossa vida deve ser uma “vida que permanece”. Deve ser exatamente como o ramo na videira. Ali os ramos estão em comunhão íntima, em inquebrável comunhão com a videira de janeiro a dezembro. Podemos ter dez horas de muito trabalho diariamente durante o qual o nosso cérebro tem de estar ocupado com coisas da vida diária. Deus assim ordenou. Mas o trabalho que permanece é o trabalho do coração, não o do cérebro, o trabalho do coração, se apegando e descansando em Jesus, um trabalho no qual o Espírito Santo nos liga a Cristo Jesus. Muito mais profundo do que o cérebro, profundamente na vida interior podemos permanecer em Cristo, assim a todo o momento que estamos livres virá à consciência: “Abençoado Jesus, ainda estou em Ti”.

E meu último pensamento. A vida do ramo é de total rendição. O que

significaria algum custo, mas sobre aquele caminho pelo vale profundo da obscuridade Ele permaneceu silencioso. Vamos então cooperar com Sua mão restringente sobre nós, quando Ele nos impede de expor muito completamente o caminho da cruz, bem como o monte da glória. A glória conferiria muito poder ao bebê, e assim seria com o caminho do Calvário. Deus conduzirá todos nós quando formos capazes de suportá-lo.

Seu silêncio sobre o discípulo traidor

“Na verdade, na verdade vos digo que um de vós me há de trair. Então os discípulos olhavam uns para os outros, duvidando de quem ele falava” (Jo 13:21-22).

Ele ficou tão silencioso, tratou Judas tão amorosamente em relação aos outros, que eles não fizeram nem ideia a quem Ele se referia. Nunca, nem por palavra ou olhar, Ele mostrou a eles o traidor. Quão descontente os dez ficaram com os dois discípulos que pediram o trono (Mc 10:41), por isso, como o Senhor Jesus poderia expor Judas ou suscitar a parcialidade entre eles e produzir divisão no meio do Seu pequeno grupo? Vamos ficar silenciosos em circunstâncias semelhantes e não suscitemos a parcialidade naqueles que cuidam de nós quando Deus nos está conduzindo para o Calvário por meio de um Judas. Não falemos, se pudermos evitá-lo, dos instrumentos humanos no caminho da Cruz nem omitir de nos inclinar para lavar os seus pés. Abençoar aqueles que nos “perseguem” (Mt 5:44) é justamente o que Jesus fez.

Seu Silêncio sobre as coisas profundas de Deus

“Mas tenho-vos dito isto... Ainda tenho muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora” (Jo 16:4-12).

Jesus “Ihes dirigia a palavra, segundo o que podiam compreender” (Mc 4:33-34).

O poder e a necessidade do silêncio na vida espiritual devem ter crescido dentro de nós quando seguimos ponto a ponto o exemplo do Senhor. O silêncio sobre a glória, o silêncio sobre o sofrimento, e agora o silêncio sobre as coisas de Deus que estão além do estágio de crescimento de outros que confiam em nós para ajudá-los. O apóstolo Paulo também aprendeu sua lição: “Com leite vos criei, e não com carne, porque ainda vós não podíeis”, ele escreve aos coríntios (1 Co 3:2). Confessar Cristo é uma coisa muito diferente de impormos “carne” aos bebês.

Seu Silêncio sobre as perguntas

“Mas, Senhor, por quê?” – “E naquele dia nada me perguntareis” (Jo 14:22 e 16:23).

O Senhor sabia que apenas o ensinamento do Espírito Santo poderia revelar a esses discípulos tudo o que eles queriam saber. Quão cheios de perguntas somos. “Por quê?” – “Como?” – “Quando?” Queremos que as coisas espirituais se tornem claras e plenas em nossa mente, esquecendo-nos de que Deus quer nos fazer muito mais abundantemente além do que podemos pedir ou imaginar. Quão sabiamente o Senhor tratou com Seus interrogadores discípulos. O “silêncio de Jesus” aqui é de fato uma necessidade para todos que estão na posição de ensinar outros. Ele apenas respondia à pergunta com as

prossigam em tranqüila discrição para fazer a Sua obra.

Outra lição no silêncio de Jesus vemos no:

Seu silêncio em dificuldades sensíveis

“E quando o Senhor entendeu que os fariseus tinham ouvido que Jesus fazia e batizava mais discípulos do que João... Deixou a Judeia, e foi outra vez para a Galileia” (Jo 4:1-3).

O Senhor sabia que os fariseus tinham ouvido... Relatos chegaram até Ele, e Ele teve dificuldades para responder a esses relatos com ação sábia. Ele não podia permitir nem mesmo supor rivalidade entre Seu grande precursor, João Batista, e Ele aos olhos do mundo religioso, por isso Ele simples e calmamente se retirou. A dificuldade foi resolvida pelo Seu silêncio e Sua ação de modéstia. Assim deve ser conosco, não dando “ocasião ao adversário de maldizer” (1 Tm 5:14). Deixe de lado a ação sábia em circunstâncias semelhantes e silencie para que os outros não sejam prejudicados, “preferindo-vos em honra uns aos outros” (Rm 12:10).

Seu silêncio sobre a glória do Monte da Transfiguração

“E transfigurou-se diante deles... E, descendo eles do monte, ordenou-lhes que a ninguém contassem o que tinham visto...” (Mc 9:2-9).

Enquanto o Senhor Jesus andou na terra como Homem, apenas os três discípulos sabiam sobre a glória no Monte. O mundo não sabia, nem mesmo a maioria dos seguidores de Jesus, pois nos é dito que os três escolhidos “retiveram o caso entre si”.

Há uma boa lição para nós nesse “silêncio de Jesus” em relação às Suas sagradas horas no Monte da Transfiguração. Paulo teve conhecimento dele quando escreveu aos coríntios acerca da abundância das revelações dadas a ele por Deus, “para que ninguém cuide de mim mais do que em mim vê ou de mim ouve” (2 Co 12:6). A discrição da Bíblia é muito maravilhosa. O véu é retirado das coisas de Deus apenas o suficiente para dar um vislumbre da indizível glória para aqueles que são admitidos dentro do véu. As considerações detalhadas do procedimento mais profundo e mais santo de Deus com Seus filhos não são sábias, para que, como disse Paulo, não “nos gloriemos nos homens” e os consideremos ser além do que realmente são. Além disso, há também o perigo do “homem natural”, sendo incapaz de receber as coisas do Espírito, se voltar dizendo: “Duro é este discurso” e não andar mais com o Senhor. O “silêncio de Jesus” com relação à glória do monte é uma mensagem a todos aqueles que conhecem algo do Monte da Transfiguração, para guardarem os segredos de Deus até que o tempo d'Ele chegue para tornar as coisas escondidas manifestas para o mundo.

Seu silêncio sobre o caminho da cruz

“Em verdade, vós bebereis o cálice que eu beber, e sereis batizados com o batismo com que eu sou batizado” (Mc 10:39).

Isso foi tudo o que Ele disse aos homens que pediram para compartilharem do Seu trono. Ele não descreveu detalhadamente o que “beber do cálice” significaria. Haveria o tempo adequado, quando chegariam a isso, porque ainda não podiam suportá-lo agora. Ele lhes falou da cruz e que ela

significa total rendição? Significa que assim como literalmente Cristo se entregou inteiramente a Deus, devo me entregar inteiramente a Cristo. Assim como Cristo inteira e absolutamente deu a Sua vida para buscar apenas o prazer e a dependência do Pai, absoluta e inteiramente devo buscar apenas o prazer de Cristo. Cristo Jesus veio para soprar Seu próprio Espírito em nós para nos fazer encontrar a nossa mais elevada felicidade em viver inteiramente de Deus, assim como Ele o fez, para que dia a dia Cristo seja capaz de fazer conosco conforme a Sua vontade. Nós que fomos comprados com o sangue de Cristo, fomos comprados para viver dia após dia com um único pensamento: “Como posso agradar meu Mestre?”.

O nosso relacionamento com Jesus deve ser tal que estamos completamente a Sua disposição, e todos os dias vamos a Ele, humilde e ousadamente, de forma direta, e dizemos: “Senhor, há algo em mim que não está segundo a Tua vontade, que não foi ordenado por Ti ou que não está inteiramente entregue a Ti?”. Se esperássemos pacientemente, brotaria um relacionamento entre nós e Cristo tão íntimo e tão terno que ficaríamos maravilhados. O ramo nos chama para a completa rendição. Traga todas as coisas para o relacionamento com Jesus, deixe que a nossa rendição a Cristo seja completa.

Jesus diz: “Eu sou a Videira, vós sois os ramos”. “Eu sou Aquele que vive e Me dei completamente a vós. Eu sou a Videira, vós podeis confiar muito em Mim. Eu sou o Obreiro Todo-poderoso, cheio do poder divino e vós sois os Meus ramos. Eu vos receberei e vos atrairei a Mim mesmo, vos abençoarei, vos fortalecerei, vos encherei do meu Espírito. Venha, rendei-vos inteiramente a Mim.”

Isso é vida n'Ele.

A GRANDE DISCREPÂNCIA

F. J. Huegel

Há no evangelho uma grande discrepância. Refiro-me às elevadas exigências do evangelho, por um lado, e a fraqueza moral da natureza humana, por outro. O abismo entre os dois é imensurável. Por que o padrão de Deus vai tão além das nossas possibilidades morais, exigindo uma perfeição que é inalcançável? O Sermão do Monte leva ao desespero. É-me pedido amar os meus inimigos, mas é natural para mim odiá-los. Sou ordenado a abençoar aqueles que me amaldiçoam, mas a coisa natural seria amaldiçoar de volta. Por que, mediante a minha pecaminosidade, Jesus me diz que devo ser perfeito, assim como meu Pai no céu é perfeito? Tal coisa é inimaginável, muito menos atingível. É-me dito que se eu olhar para uma mulher e a desejar no meu coração, já pequei. Mas, em uma palavra, devo ser puro assim como Jesus foi.

Quando vamos às epístolas, o problema se torna mais grave. Aqui estão homens de paixões parecidas, os apóstolos, nos dizendo para perdoar assim como Cristo o Senhor perdoou (Cl 3:13). Eles nos dizem que devemos andar assim como Jesus andou quando esteve aqui na terra (1 Jo 2:6). Eles

ordenam a darmos graças em todas as coisas, pois esta é a vontade de Deus (1 Ts 5:18). Tais coisas nos deixam sem fôlego. Abaixamos nossa cabeça com vergonha. Por mais que lutemos e ainda que seja grande a nossa resolução, mesmo assim caímos imensuravelmente rápido de tal padrão.

Não estamos sozinhos em nossa estupefação e nosso desespero sobre esse assunto. Essas exigências “exageradas” do evangelho, infinitamente além das possibilidades morais da natureza humana, levaram o próprio apóstolo Paulo a se desesperar. A sua confissão desse desespero é encontrada em Romanos 7. Ouça esse grande cristão quando ele chora sobre a sua vergonha e, como uma criança, confessa a sua fraqueza: “Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem algum; e, com efeito, o querer está em mim, mas não consigo realizar o bem”. Paulo diz que se deleita na lei de Deus no homem interior e então chega a um tremendo MAS. Essa confissão do apóstolo faz todos nós bons. Todos nós podemos dizer que amamos a santa lei de Deus (o evangelho, embora toda a graça seja, contudo, toda a lei), repito, nos deleitamos na lei de Deus, mas há outra lei em nossos membros que nos leva cativo à lei do pecado. A confissão de Paulo irrompe adiante em um grito de desespero: “Miserável homem que sou! Quem me livrará do corpo desta morte?”.

Se fôssemos tão honestos quanto Paulo, rapidamente chegaríamos à plena libertação e vitória. Não alcançamos muito além do “pântano do desespero” de Bunyan a menos que demos um genuíno consentimento a Romanos 7 e cheguemos ao desespero assim como Paulo. A menos que olhemos muito profundamente para a santa lei de Cristo por um lado e a nossa própria depravação por outro, as aleluias de Romanos 8, onde tudo é riso, canção e vitória, chega às raias do desespero de Romanos 7. A razão é bastante simples!

Quando você percebe que não pode, de seu próprio jeito e de sua própria força, está pronto para se apropriar do caminho de Deus. Esse é o caminho da cruz. Esse é o caminho da ressurreição. Esse é o caminho para a ascensão e o Trono. O Senhor Cristo estabeleceu as exigências do Sermão do Monte em vista da consumação do Calvário e do sepulcro vazio. Em um sentido você deve descobrir lá atrás o princípio na cruz, porque o Cordeiro de Deus foi morto desde a fundação do mundo. Se você começar na cruz, que é o centro do universo, o problema será resolvido. A verdade da questão é que Deus está bem consciente do fato de que a santa lei de Cristo é inalcançável. Está tudo escrito em letras que se destacam indelevelmente. A cruz do Calvário o declara para as eras em letras de sangue, o sangue do Cordeiro. Aqui o Cristo de Deus diz: “Você não pode. Seu pecado está aqui. Estou aqui por causa do pecado do mundo. Não apenas a sua culpa está aqui removida, mas o pecado está condenado como um princípio. O velho homem está crucificado. Levo-o comigo para o sepulcro e quando ressuscito é você que ressuscita em mim. Quando ascendo ao Trono, é você que ascende comigo. Você é uma nova criação. Daqui por diante, sua vida fluirá de mim e do meu Trono”.

Romanos 6 e Efésios 2, sem falar de uma infinidade de passagens semelhantes, são a fórmula do Novo Testamento. É quando o crente chega a

corpo... Ora, vós sois o corpo de Cristo, e seus membros em particular” (1 Co 12:18-27). Portanto, “nada façais por contenda ou por vanglória, mas por humildade; cada um considere os outros superiores a si mesmo. Não atente cada um para o que é propriamente seu, mas cada qual também para o que é dos outros” (Fp 2:3-4). Quando aprendemos essas lições e descobrimos como podemos carregar as cargas de outros e cuidar dos interesses deles, Aquele que nos chama nos porá no lugar onde mais seremos capazes, seja por vida ou por lábio, de pregá-IO a todos.

Isso será de grande ganho. A graça terá triunfado e Ele será glorificado.

Do livro *The Bible and the Call of God* (A Bíblia e o Chamamento de Deus)

O SILÊNCIO DE JESUS

Sra. Jessie Penn-Lewis

“Ele foi oprimido, mas não abriu a boca; como um cordeiro, foi levado ao matadouro e, como a ovelha muda perante os seus tosquiadores, ele não abriu a boca.” (Is 53:7)

“Aquele que diz que está nele também deve andar como ele andou.” (1 Jo 2:6)

“E eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo” (2 Co 6:16) é a promessa de Deus, e somente quando essa promessa é cumprida no crente o “silêncio de Jesus” pode ser conhecido na vida diária. Quando delineamos o padrão do caminhar de Cristo na terra, para que possamos “seguir Seus passos”, vamos nos lembrar de que não é que possamos copiá-IO, mas que temos diante de nós o padrão da forma com que “a vida de Jesus” pode ser manifestada em nosso corpo mortal quando Ele “caminha” dentro de nós e nós inteligentemente nos rendemos a Ele para que opere em nós o querer e o fazer o Seu beneplácito.

Vamos primeiro notar o padrão do Seu viver:

Seu silêncio sobre a Sua bênção para outros

“E [Jesus] mandou-o para sua casa, dizendo: Nem entres na aldeia, nem o digas a ninguém na aldeia” (Mc 8:26).

“E [Jesus] ordenou-lhes que a ninguém o dissessem” (Mc 7:36).

Será que Ele quis ficar escondido e silenciosamente abençoar e ajudar almas e então passar à frente? “Não contenderá, nem clamará, nem alguém ouvirá pelas ruas a sua voz” (Mt 12:19), disse o profeta Isaías do prometido Messias. A obra do Mestre era modesta e feita com tão pouco barulho quanto possível. É dito de alguns a quem Ele ordenou que ficassem em silêncio sobre o que tinha feito que eles anunciaram a todo mundo, assim Sua fama se espalhou pelo exterior e isso trouxe a Ele muita dificuldade, tendo de lidar com as multidões. A lição para nós quanto ao “silêncio de Jesus” neste aspecto é que não devemos “publicar pelo exterior” o instrumento que Deus usa para nos abençoar, mas antes dizer o que o Senhor fez e permitir que Seus servos

ganho reputo a perda por Cristo” (Fp 3:5-7). Chamado para a graça, sua resposta foi sincera. Tudo foi abandonado, “considerou como refugio”, para o conhecimento de Cristo, em quem todo o amor e a graça de Deus para com o homem estão centralizados.

Finalmente, ele realça o objetivo do gracioso chamamento: “Revelar seu Filho em mim, para que o pregasse entre os gentios” (v. 16). Agar Beet vigorosamente comenta: “Ninguém, a não ser aqueles em cuja vida interior Cristo é revelado, pode pregá-LO corretamente”. Também podia dar a impressão que tal pregação não é simplesmente do lábio, mas também da vida; e que o apóstolo sugere que toda atitude deve ser um sermão, uma conclusão que a sua última reunião com os anciãos da Igreja em Éfeso parecia confirmar (At 20:17-35). Aqui ele apela até mais para o exemplo que deu do que para as mensagens que pregou. O homem que realmente é chamado por Deus procurará por todos os meios em seu poder conduzir a sua vida em harmonia com a sua mensagem proferida, para que uma nunca seja contradita pela outra.

A paráfrase do bispo Lightfoot dos versos 15 e 16 é esclarecedora: “Então veio a minha conversão. Ela foi obra da graça de Deus. Ela foi ordenada antes que eu tivesse qualquer existência em separado. Não foi, portanto, devido a nenhum mérito meu, não surgiu de nenhum princípio meu. A revelação de Seu Filho em mim, o chamamento para pregar aos gentios foram atos do Seu beneplácito”. Não é de admirar que Paulo assumia a posição de completa humilhação: “Porque, se anuncio o evangelho, não tenho de que me gloriar, pois me é imposta essa obrigação; e ai de mim se não anunciar o evangelho!” (1 Co 9:16). Muitas vezes, nos dias de hoje, um chamamento para o serviço cristão é envolto com algo do romance da nobreza medieval e de um manto de alta diligência. Contudo, o bom conselho a qualquer obreiro principiante é: “Não pregue a menos que você deva fazê-lo”. Há uma compulsão graciosa a respeito de um chamamento para o serviço que silenciosa e gradualmente atrai um homem para uma cada vez mais profunda comunhão com o seu Senhor, por meio da qual ele aprende a enxergar a necessidade que Deus enxerga e então algumas vezes, com súbita visão, como quando Barnabé chegou a Tarso buscando por Saulo, ele é iniciado não pela sua própria engenhosidade, mas por um ato de Deus para o plano completo da sua vida. Esse plano inevitavelmente o conduzirá em conflito, abnegação e sofrimento, mas ao mesmo tempo, em tal contato próximo com o seu Senhor, ele será poderosamente enriquecido, tanto agora nesta vida como na eternidade (Mt 19:29-30).

A razão pela qual a Igreja existe é para que Cristo seja proclamado como Salvador e Senhor e não há nenhuma outra. O propósito de Deus é que Seu Filho seja visto na vida da Igreja, o que significa na vida individual dos membros, e que todos nós estejamos prontos para nos ajustar em Sua campanha da graça em qualquer posição, grande ou pequena, proeminente ou escondida, na qual Ele condescende nos colocar. Visto que “agora Deus colocou os membros no corpo, cada um deles como quis. E, se todos fossem um só membro, onde estaria o corpo? Assim, pois, há muitos membros, mas um

morte com o seu Salvador e entra no poder da Sua ressurreição, e com Ele abraça a vida e a glória da Sua ascensão e entronização, compartilhando da Sua vitória, que todas as discrepâncias que acabamos de considerar são apagadas. O Sermão do Monte pressupõe a Vida Entronizada, sem a qual ele só leva ao desespero. À luz da consumação do Calvário, sua leitura se parece como o ABC do primeiro livro de uma criança. Sem isso ele é uma linguagem que não pode ser entendida.

Agora tudo se torna muito simples e tão natural quanto a fragrância das rosas ou o cantar dos pássaros na primavera. Agora tudo é uma questão de vida, “rios de água viva” fluirão do coração do crente, uma expressão natural dos princípios inerentes à santa lei de Cristo. O esforço agora não tem nada mais a ver com o assunto. É tão natural para você ser semelhante a Cristo quanto antes era ser semelhante a todos os outros homens, os filhos de Adão. Naquele tempo, não lhe custava nada ser impaciente, irritável, crítico, egoísta, amar o elogio, buscar seu próprio interesse, ser orgulhoso, agitado, procurar o prazer, contudo, nunca encontrando verdadeira satisfação. Agora não lhe custa nada ser clemente como Cristo foi, humilde como Ele foi, compassivo, puro, paciente, tranquilo, vitorioso, seu prazer está em servir outros e fazer a vontade de Deus, assim como era com Jesus. Você não luta mais contra a natureza para se assemelhar ao seu Senhor. Ele é a sua vida, você compartilha Seu trono; você apenas vive, a sua alegria é inexprimível e cheia de glória, o descanso cuida dele mesmo. Você não está mais debaixo da lei, mas da graça (a graça que atua segundo a lei de Cristo).

Ouçá Paulo novamente. Paulo é quem nos dá uma exposição tão clara da identificação com Cristo, não apenas na morte, mas também na ressurreição e no Trono. Estamos assentados com Ele (Cristo), ele diz, nos lugares celestiais. Onde antes, em Romanos 7, havia desespero, agora, em Romanos 8, as palavras não podem descrever a glória. “A lei do Espírito de vida em Cristo Jesus nos libertou da lei do pecado e da morte.” Ele se sente ser mais do que vencedor. Cristo, ele diz, é a sua vida. Ele está seguro de que nada, nem a vida, nem a morte, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, nem altura, nem profundidade, nem qualquer outra criatura, será capaz de separá-lo do amor de Deus que está em Cristo, seu Senhor. Ele pode fazer todas as coisas em Cristo que o fortalece. Ele não olha mais para ele mesmo, pois sabe que na sua carne não vive nenhuma coisa boa, mas somente em Cristo, em quem vive toda a plenitude da Divindade em pessoa. Todas as coisas são suas porque ele é de Cristo. Ele considera todas as coisas como perda pela excelência do conhecimento de Cristo Jesus, seu Senhor, e de nosso glorioso Deus, por quem ele sofreu a perda de todas as coisas e as considerou como esterco para que pudesse ganhar a Cristo e ser encontrado n'Ele, não tendo a sua própria justiça, que era da lei, mas aquela que é da fé de Cristo. Para que ele possa conhecê-LO (Cristo) e o poder da Sua ressurreição e a comunhão dos Seus sofrimentos, sendo feito conforme a Sua morte.

“Mas Deus, que é riquíssimo em misericórdia, pelo seu muito amor com que nos amou, estando nós ainda mortos em nossas ofensas, nos vivificou

juntamente com Cristo (pela graça sois salvos), e nos ressuscitou juntamente com ele e nos fez assentar nos lugares celestiais, em Cristo Jesus; para mostrar nos séculos vindouros as abundantes riquezas da sua graça pela sua benignidade para conosco em Cristo” (Ef 2:4-7).

Isso é o que Deus fez; tudo que é necessário agora é o nosso Amém!

Do livro *The Enthroned Christian* (O Cristão Entronizado).

“CHAMADO PELA GRAÇA” (Gl 1)

J. C. Metcalfe

“Somente o homem que sentiu o poder de Jesus pode contar a alguém sobre esse maravilhoso poder... A paixão por Jesus se torna uma paixão por contar a outros sobre Jesus.”

S. D. Gordon

Para começar o nosso estudo sobre o chamamento de Deus, olharemos para o que Paulo tem a dizer sobre o chamamento de Deus para ele. Quase que automaticamente alguém se volta para o primeiro capítulo de Gálatas. Ali Paulo conta como foi separado para servir ao Salvador, a quem tinha se rendido incondicionalmente na estrada para Damasco. Em primeiro lugar, contudo, no verso seis ele fala do chamamento de Deus que é comum a todos os cristãos: “Maravilho-me de que tão depressa passásseis daquele que vos chamou à graça de Cristo para outro evangelho” (Gl 1:6). Uma nota na Bíblia de Cambridge expõe: “O nosso chamamento está na graça, no Seu gratuito e imerecido favor e bondade, ao contrário de toda a noção de salvação pela justiça moral ou cerimonial”.

Não pode ser demasiadamente enfatizado que o chamamento de Deus é abandonar toda outra base de confiança e confiar completamente e apenas em Seu providencial substituto, que na cruz tomou sobre Si os nossos pecados e agora na glória é o nosso penhor contínuo e único de aceitação para com Deus. Até que esse chamamento tenha sido ouvido e aceito, não tem sentido falar de um chamamento para o serviço cristão.

Quão aficionados somos por cunhar palavras e frases, que não são encontradas na Escritura, e adicioná-las a um já descontrolado vocabulário evangélico! A palavra “desafio” é, provavelmente, a menos que tenhamos muito cuidado, obscurecer o chamamento da graça e fixar a nossa atenção em algum esforço próprio, com o qual podemos sentir ganhar a aceitação para com Deus, e podemos facilmente degenerar para “outro Evangelho”.

A partir do momento que respondemos como pecadores perdidos ao chamamento de Deus e encontramos a nossa salvação em nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, ficamos dependentes d'Ele. Todo o Seu tratamento para conosco então é planejado para nos ensinar a alegria da confiança n'Ele na experiência real do dia a dia. De estarmos mortos para Deus temos de nos

tornar vitalmente vivos para Ele, e Seu Espírito interiormente nos comunica uma busca de Deus, que é a nossa maravilhosa herança. Oswald Chambers escreveu em seu livro *Meu Máximo para o Seu mais Excelente*: “O chamamento de Deus não é para alguns poucos especiais, é para todos. Se ouço ou não o chamamento de Deus, depende do estado dos meus ouvidos, e o que ouço depende da minha atitude... Os escolhidos são aqueles que vieram para um relacionamento com Deus por Jesus Cristo, por meio do qual a atitude deles foi mudada e seus ouvidos destampados, e ouviram a ainda que diminuta voz inquiridora: 'Quem irá por nós?'”.

Não é uma questão de Deus escolher um homem e dizer: “Agora você vai”. Tire da sua mente a ideia de esperar que Deus venha com coações e súplicas. Quando o nosso Senhor chamou Seus discípulos, não houve nenhuma coação irresistível exterior. A apaixonante insistência tranquila do Seu “Segue-Me” foi dita a homens com todas as faculdades completamente acordadas. Se deixarmos que o Espírito de Deus nos leve para estarmos face a face com Deus, também ouviremos algo similar ao que Isaías ouviu, a suave diminuta voz de Deus, e em perfeita liberdade dirá: “Aqui estou eu, envie-me”.

Somos chamados a princípio para a comunhão com Deus, uma comunhão que significa que nossos interesses são comuns. Ele tem muito cuidado para conosco, e Seus interesses são nossos. Se então Ele precisar de nós para alguma tarefa especial, Ele é capaz de nos conduzir passo a passo para os Seus planos quando eles amadurecem. Quando eu era um jovem cristão, fui influenciado pelo livro *Hudson Taylor nos Primeiros Anos* e voltei muitas e muitas vezes para suas páginas. O que sempre se destacava para mim é o fato de que Deus, em primeiro lugar, o conduziu à devoção apaixonada por Ele, e então veio o tempo em que Ele sentiu que poderia compartilhar com Seu servo Sua própria preocupação com os milhões de chineses.

Assim foi com Paulo. Em Gálatas 1:13-16, ele nos fornece uma parte notável da sua autobiografia espiritual e esboça em algumas frases a sua antiga adesão à religião, a religião da lei, obras e tradição. Por causa da sua disposição natural de apaixonada seriedade, ele foi capaz de dizer: “Estive à frente da maior parte dos meus contemporâneos na religião judaica e tive um entusiasmo muito maior pelas velhas tradições” (J. B. Phillips). Então Deus interveio, e vendo toda a sua vida com novos olhos, agora vê a mão de Deus colocada sobre ele desde o seu nascimento. Quão maravilhosamente a hereditariedade, o meio ambiente e a criação, na mão do nosso gracioso Deus, podem todos contribuir para a formação de um caráter no qual Ele será glorificado. Podemos estar muito temerosos das atitudes dos nossos dias de não convertidos, mas se permitirmos, Deus pode tornar todo o conteúdo do passado, até o mau, proveitoso.

A seguir Paulo fala da graça e do chamamento de Deus para ele romper com tudo em que poderia confiar e confiar somente em Cristo. “... circuncidado ao oitavo dia, da linhagem de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu de hebreus; segundo a lei, fui fariseu, segundo o zelo, perseguidor da igreja; segundo a justiça que há na lei, irrepreensível. Mas o que para mim era

A Revista "O Vencedor" pode ser enviada para qualquer lugar do mundo, a toda pessoa interessada, livre de quaisquer ônus.

Se você tem algum amigo que gostou da revista pedimos que nos informe seu nome e endereço para que possamos enviar-lhe gratuitamente um exemplar.

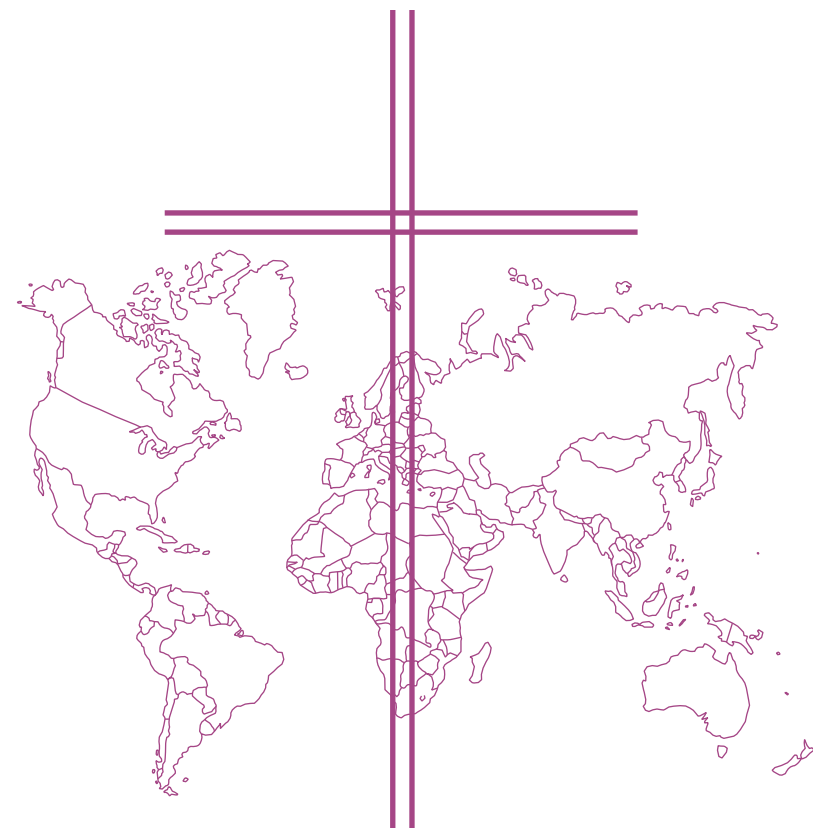
O financiamento deste ministério depende das doações dos leitores, e muito nos alegamos em saber que alguns dos nossos irmãos estão prontos para ajudar com alguma contribuição. As ofertas de amor devem ser enviadas para o endereço da

Editora Restauração, assim como as demais correspondências. Operamos pela fé na provisão do nosso Senhor Jesus Cristo.

Esta obra é uma tradução fiel da "The Overcomer Magazine" com a devida autorização dos irmãos responsáveis por sua edição na Inglaterra há quase cem anos. Dependemos da sua intercessão para que o trabalho de tradução, revisão, edição e publicação de "O Vencedor" seja dirigido e sustentado exclusivamente pelo Senhor. A graça e a paz seja com todos. Amém

O Vencedor

Fevereiro 2016 a Maio 2016



O PODER DA CRUZ

ENSINAMENTO BÍBLICO
PARA PROMOVER O
CRESCIMENTO ESPIRITUAL

O Vencedor

Versão em Português: Volume XII Número 3 Fevereiro 2016.
Traduzida por João A.F.Barros.
Revisada por Paulo C.Oliveira.
Publicada pela Editora Restauração.
Editada por João Alfredo F. Barros.

Original em Inglês: Volume XCVII Número 3 Novembro 2015.
Fundada pela Sra. Jessie Penn-Lewis em 1909.
Publicada por The Overcomer Literature Trust.
Editada por Michael Metcalfe.

Conteúdo:

O PODER DA CRUZ

	Página
A CRUZ É ALGO RADICAL	
A.W. Tozer	1
CARTAS DOS EDITORES	2
O ESPÍRITO DO CALVÁRIO	
J.C. Metcalfe	3
A CRUZ COMO UMA PROCLAMAÇÃO	
Sra. Jessie Penn-Lewis	6
O SEGREDO DA SANTIFICAÇÃO	
A.B. Simpson	9
A CRUZ NO COMBATE	
Gordon B. Watt	10
GLÓRIA SOMENTE NA CRUZ	
F.J. Huegel	13
A CRUZ E AS ERAS POR VIREM	
G. Campbell Morgan	15
O QUE AS ESCRITURAS ENSINAM SOBRE O SANGUE	
Andrew Murray	18

Toda correspondência concernente a esta revista,
doações para custear a sua publicação, mudanças de endereço,
etc., deve ser enviada para:

Editora Restauração - Revista "O Vencedor"
Caixa Postal: 1945
Curitiba - Paraná - Brasil
CEP 80.011-970
e-mail: editor@editorarestauracao.com.br

PUBLICAÇÕES DA EDITORA RESTAURAÇÃO



EDITORA RESTAURAÇÃO



Caixa Postal 1945 - Curitiba - Paraná - CEP 80.011-970
www.editorarestauracao.com.br
editor@editorarestauracao.com.br

Batista anunciou a chegada de Jesus, ele falou d'Ele como Aquele que cumpre uma dupla missão: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (Jo 1.29), e então como Aquele “que vos batizará com o Espírito Santo” (Mc 1.8). O derramamento do sangue do Cordeiro de Deus deve se realizar antes do derramamento do Espírito. Somente quando tudo o que o Antigo Testamento ensinou sobre o sangue tinha sido cumprido é que se iniciou o tempo do Espírito. O Senhor Jesus claramente declarou que a Sua morte na cruz foi o propósito para o qual Ele veio ao mundo, e essa foi a condição necessária para a redenção e a vida que Ele veio trazer.

Na sinagoga em Cafarnaum, Ele falou d'Ele mesmo como o Pão da Vida e da Sua carne que Ele daria pela vida do mundo. Quatro vezes Ele disse muito enfaticamente: “... e não beberdes o seu sangue, não tendes vida em vós mesmos”; “Quem... beber o meu sangue tem a vida eterna”; “... o meu sangue é verdadeiramente bebida”; “Quem... beber o meu sangue permanece em mim, e eu, nele” (Jo 6.53-56). O nosso Senhor declarou o fato fundamental de que Ele, como o Filho do Pai, veio para restaurar para nós a nossa vida perdida, mas Ele não poderia fazer isso de outro modo senão morrendo por nós, derramando Seu sangue por nós e então nos fazendo participantes do seu poder.

Cristo não pode nos fazer participantes da vida eterna que Ele obteve para nós a não ser pelo derramamento do Seu sangue. “Não sem sangue” a vida eterna pode ser nossa. Igualmente contundente é a declaração do nosso Senhor sobre a mesma verdade na última noite da Sua vida terrena. Antes que Ele concluísse a grande obra da Sua vida dando-Se como resgate por muitos, instituiu a Santa Ceia dizendo: “Bebei dele todos; porque isto é o meu sangue, o sangue da [nova] aliança, derramado em favor de muitos, para remissão de pecados” (Mt 26.27b-28). Sem o derramamento de sangue não há remissão de pecados. Sem a remissão de pecados não há vida. Para a vitória sobre o pecado e a libertação do pecador Deus não tem nenhum outro meio ou pensamento a não ser o “sangue de Cristo”.

Todas as maravilhas da graça estão focadas aqui. A Encarnação por meio da qual Ele tomou sobre Si mesmo a nossa carne e sangue, o amor que não poupou a Si mesmo, mas se rendeu à morte, a justiça que não pôde perdoar o pecado até que a pena fosse paga. A substituição por meio da qual Ele, o Justo, expiou por nós, os injustos, o pagamento do pecado e a justificação do pecador, tornando possível a renovada comunhão com Deus. A purificação e santificação para nos ajustar ao desfrute dessa comunhão, a verdadeira unidade em vida com o Senhor Jesus quando Ele nos dá do Seu sangue para beber, o desfrute do hino de louvor: “Tu nos remiste para Deus”; tudo isso são apenas raios da maravilhosa luz que são refletidos sobre nós do “sangue precioso de Jesus”.

Podemos confiar no Senhor Jesus para nos revelar o poder do Seu sangue. É por meio dessa convicção confiante n'Ele que a bênção obtida pelo sangue se torna nossa. Não devemos nunca pensar em separar o sangue do Sumo Sacerdote que o derramou e vive sempre para aplicá-lo.

Do livro: *The Power of the Blood of Jesus* (O Poder do Sangue de Jesus).

A CRUZ É ALGO RADICAL

A.W. Tozer

A cruz nos tempos da Roma antiga não reconhecia nenhum acordo, nunca fez concessões. Ela venceu todas as suas argumentações matando os seus oponentes e os silenciando para sempre. Ela não poupou Cristo, mas O matou. Ele estava vivo quando o penduraram naquela cruz e completamente morto quando O tiraram dela.

Depois que Cristo ressuscitou dos mortos, os apóstolos saíram para pregar A mensagem deles, e o que eles pregavam, era a cruz. A qualquer parte que fossem do mundo, proclamavam a cruz, e o poder de Deus ia com eles. A mensagem radical da cruz transformou Saulo de Tarso e o transformou de um perseguidor de cristãos em um crente sensível e um apóstolo de fé. O poder dela transformou homens maus em bons. Ela livrou o mundo ocidental da longa escravidão ao paganismo e alterou completamente sua perspectiva moral e mental.

A cruz efetua os seus fins destruindo um padrão, o da vítima, e criando o seu próprio padrão. Assim, ela sempre tem o seu caminho. Ela ganha derrotando o seu oponente e impondo a sua vontade sobre ele. Ela sempre domina. Ela nunca se compromete, nunca argumenta nem concede; nunca se rende em nenhum ponto por causa da paz. Ela não se preocupa com a paz, ela se preocupa apenas em terminar com a oposição tão rapidamente quanto possível.

Com o perfeito conhecimento de tudo isso, Cristo disse: “Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me” (Mc 8.34). Assim, a cruz não deu um fim apenas na vida de Cristo, ela também acaba com a primeira vida, a vida velha, de cada um dos Seus verdadeiros seguidores. Ela destrói o velho padrão, o padrão de Adão na vida do crente e dá um fim nela. Então Deus, que ressuscitou Cristo dos mortos, ressuscita o crente e uma nova vida começa. Esse é o verdadeiro cristianismo.

A cruz se eleva acima das opiniões das pessoas, e nessa cruz todas as opiniões devem chegar finalmente ao julgamento. Uma liderança superficial e mundana poderia modificar a cruz para agradar muitos, mas assim fazendo é cortejar o desastre espiritual e expor à ira do Cordeiro transformado em Leão.

Todos nós devemos fazer algo a respeito da cruz; podemos abandoná-la ou morrer nela. Se formos tão loucos a ponto de fugir dela, por este ato poremos de lado a fé dos nossos pais e faremos do cristianismo alguma outra coisa diferente do que ele é. Então teremos deixado apenas a linguagem vazia da salvação e o poder irá embora com o nosso afastamento da cruz.

Se formos sábios, faremos o que Jesus fez: suportou a cruz e desprezou sua vergonha pela alegria que está colocada diante de nós. Fazer isso é entregar todo o padrão da nossa vida para que seja destruído e construído novamente no poder de uma vida infundável. A cruz cortará em nossa vida onde dói mais, não poupando nem a nós nem as nossas reputações cuidadosamente cultivadas. Ela nos derrotará e levará a vida do nosso ego ao fim. Somente então poderemos ressuscitar em plenitude de vida para entrar num padrão de vida inteiramente

novo e livre, cheio de boas obras.

A mudança de atitude em relação à cruz que vemos hoje não prova que Deus mudou, nem que Cristo facilitou Sua exigência de que tomemos a cruz. Antes, ela significa que muitos se afastaram dos padrões do Novo Testamento. De fato, afastamo-nos tanto que é necessária nada menos do que uma nova reforma para restaurar a cruz para o seu lugar correto na teologia e na vida da Igreja.

Morrer para que não possamos morrer. Não há nenhuma contradição aqui, pois há diante de nós dois tipos de morte: uma morte a ser buscada e uma morte a ser evitada a qualquer preço.

No coração de todo cristão há uma cruz e um trono, e nós estamos no trono até que sejamos colocados na cruz. Se recusarmos a cruz, permaneceremos no trono. Queremos ser salvos, mas insistimos que Cristo põe fim a toda morte. Nada de cruz para nós, nada de destronamento, nada de morte. Queremos permanecer reis dentro dos nossos pequenos reinos e usar a nossa coroa de ouro com todo o orgulho de um César, mas nos condenamos às sombras e fraquezas e esterilidade espiritual.

Se recusarmos morrer, então morreremos, e essa morte significará a perda de muitos daqueles tesouros eternos os quais os santos anelaram. A nossa carne não crucificada nos despojará da pureza de coração, do caráter à semelhança de Cristo, do discernimento espiritual, da fertilidade e, acima de tudo, irá esconder de nós a visão da face de Deus, a visão que tem sido a luz da terra e será a perfeição do céu.

Do livro: *The Root of the Righteous* (A Raiz do Justo).

CARTAS DOS EDITORES

Caros Amigos

A bênção do Senhor esteja com todos vocês.

Na última edição, vimos as bênçãos que são nossas na “Vida N’Ele”. Nesta edição, vamos ver como essas bênçãos são aplicadas por meio da Sua cruz e as exigências que a Sua cruz faz em nós. Que possamos descobrir que Ele é o nosso fiel Senhor e Salvador e conhecer a Sua provisão dia a dia.

Em nome do nosso Mestre,
Michael Metcalfe

Amados Irmãos

A cruz na vida cristã diária é muitas vezes negligenciada, mas na verdade o chamamento do Senhor para segui-LO é muito claro quando Ele diz: “Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome cada dia sua cruz e siga-Me”. Portanto, para que nós cristãos tenhamos um caminho diário vitorioso, é imprescindível compreender o verdadeiro significado da nossa cruz.

a revelação de uma verdade divina que é somente pela morte que uma vida pode ser realmente consagrada a Deus. Mas foi impossível Isaque morrer e ressuscitar dos mortos, já que por causa do pecado a morte o manteria preso, assim a sua vida foi poupada quando um carneiro foi oferecido em seu lugar, e a grande lição da substituição foi claramente ensinada.

Quatrocentos anos se passaram, e Isaque se tornou o povo de Israel. Por meio da sua libertação da escravidão egípcia, Israel teve de ser reconhecido como o primogênito de Deus dentre as nações. Aqui também isso não acontece sem o sangue. Nem a graça de Deus, nem a Sua aliança com Abraão, nem o exercício do Seu poder, que poderia ter destruído facilmente os seus opressores, pode prescindir da necessidade do sangue.

O que o sangue realizou no monte Moriá por uma pessoa, que era o pai da nação, deve ser experimentado agora por aquela nação. Por meio da aspersão na verga da porta dos israelitas com o sangue do cordeiro pascal, pela instituição da Páscoa dos judeus como uma ordenança permanente com as palavras: “... quando eu vir o sangue, passarei por vós” (Êx 12.13), o povo foi ensinado que a vida pode ser obtida somente pela morte de um substituto.

Cinquenta dias depois, essa lição foi reforçada de uma maneira notável. Israel tinha alcançado o Sinai. Deus tinha dado a Sua Lei como o fundamento da Sua aliança. Agora essa aliança deve ser estabelecida, mas como é expressamente afirmado em Hebreus 9.7: “... não sem sangue”. O sangue sacrificial deve ser aspergido, primeiro no altar e então no livro da Aliança, representando o lado de Deus dessa Aliança, e então sobre o povo com a declaração: “Eis aqui o sangue da aliança” (Êx 24.8).

Imediatamente depois do estabelecimento da aliança, a ordem foi dada: “E me farão um santuário, para que eu possa habitar no meio deles” (Êx 25.8). Eles deviam desfrutar da plena bênção de ter o Deus da Aliança vivo com eles.

Ele deu direções claras da arrumação e do serviço daquela casa. Mas note que o sangue está no centro. Aproxime-se do vestibulo do templo terreno do Rei Celestial e a primeira coisa visível é o altar do holocausto, onde a aspersão do sangue continuava sem cessar. Entre no Santo Lugar e a coisa mais conspícua é o altar de ouro do incenso, que, junto com o véu, é continuamente aspergido com o sangue. Pergunte o que está além do Santo Lugar e lhe dirão que é o Lugar Santíssimo, onde Deus habita. Se você perguntar como Ele habita ali e como se chegar a Ele, lhe dirão: “Não sem sangue”. O trono de ouro onde a Sua glória resplandece é aspergido com o sangue, uma vez a cada ano, quando o Sumo Sacerdote sozinho entra para levar o sangue e adorar a Deus.

Isso continuou durante mil e quinhentos anos até que o nosso Senhor viesse para estabelecer uma comunhão com o Santíssimo, em espírito e em verdade. O nosso Senhor Jesus ensinou sobre o sangue. Com a Sua vinda, a antiga ordem passou e todas as coisas se tornaram novas. Ele veio do Pai Celestial para nos revelar com palavras divinas o caminho para o Pai.

Algumas vezes é dito que as palavras “não sem sangue” pertencem ao Antigo Testamento, mas não é o que o Novo Testamento ensina. Quando João

mesmo.

Cristo é o Centro, a Fonte e o Alvo do universo, e Sua cruz é o centro, a fonte e o alvo da reconciliação. Em suas cartas, Paulo ensina que por meio da Igreja a sabedoria de Deus deve se tornar clara para os principados e potestades nos lugares celestiais.

Cristo e Seu povo remido devem exercer um ministério por todas as próximas eras, revelando a coisa mais importante no coração de Deus, o amor que opera por meio da autorrenúncia e do sacrifício, redimindo, remindo e refazendo a última humanidade. Por essa razão, por todo o universo e pelas eras vindouras na beleza da Natureza de Deus, a cruz permanecerá como a suprema revelação de Deus, por meio da qual toda a criação chegará a uma compreensão da Sua santidade e do Seu amor, as coisas mais profundas e mais verdadeiras do Seu Ser.

O QUE AS ESCRITURAS ENSINAM SOBRE O SANGUE

Andrew Murray

“... não sem sangue...” (Hb 9.7, 18).

As Escrituras nos ensinam sobre o poder glorioso do sangue de Jesus e as maravilhosas bênçãos obtidas por ele para nós. Não posso lançar um fundamento melhor nem dar uma prova melhor da assombrosa glória daquele sangue como o poder da redenção do que lhe pedindo para me seguir pela Bíblia e ver o lugar único que é dado ao sangue desde o começo até o fim da revelação de Deus sobre Ele mesmo.

O registro sobre o sangue no Antigo Testamento começa nas portas do Éden. Abel trouxe um cordeiro do seu rebanho ao Senhor como um sacrifício e lá, no primeiro ato de adoração registrado na Bíblia, o sangue foi derramado. Aprendemos em Hebreus 11.4 que foi pela fé que Abel ofereceu um sacrifício aceitável, e seu nome é o primeiro no registro daqueles que a Bíblia chama de crentes. Ele agradou a Deus, sua fé e o bom prazer de Deus nele estão estreitamente conectados com o sangue sacrificial.

Então veio o dilúvio, que foi o juízo de Deus sobre o pecado. Mas Deus produziu uma nova terra daquele terrível batismo de água. Note, contudo, que a nova terra deve também ser batizada com sangue, e o primeiro ato registrado de Noé depois que tinha deixado a arca foi o oferecimento de um sacrifício queimado para Deus.

Por meio do chamado divino de Abraão, e o nascimento miraculoso de Isaque, Deus empreendeu a formação de um povo para servi-IO. Mas esse propósito não foi cumprido sem o derramamento de sangue. Deus já havia feito uma aliança de relacionamento com Abraão e a sua fé já tinha sido severamente provada. Ela lhe foi imputada por justiça, contudo ele deve aprender que Isaque, o filho da promessa, só pode realmente ser entregue a Deus pela morte. Abraão deve oferecer Isaque no altar. Não foi uma ordem arbitrária de Deus, foi

A nossa cruz é toda e qualquer situação difícil que nos é imposta na vida diária, a qual podemos aceitar ou recusar, e quando a aceitamos estamos tomando a nossa cruz. Todas as dificuldades que enfrentamos todos os dias são provações pelas quais devemos passar, olhando sempre para o nosso Senhor Jesus crucificado e nós crucificados com Ele. Assim como Ele deu a Sua vida espontaneamente e como ovelha muda foi para o matadouro, a cruz, nós também devemos fazer o mesmo. Foi na cruz que Ele foi vitorioso sobre o pecado e a morte, é na cruz que nós também podemos ser mais do que vitoriosos n'Ele.

Que o Espírito Santo de Deus nos faça lembrar sempre da cruz do nosso Senhor e da nossa também, todos os dias da nossa vida. Amém.

João Alfredo

O ESPÍRITO DO CALVÁRIO

J. C. Metcalfe

Buscando explicar como o Espírito Santo torna a obra da Cruz verdadeira no cristão, eu gostaria de ir para Romanos 7.4, onde se lê: “Assim, meus irmãos, também vós morrestes relativamente à lei, por meio do corpo de Cristo, para pertencerdes a outro, a saber, aquele que ressuscitou dentre os mortos, a fim de que frutifiquemos para Deus”. Há três seções naturais para este verso e trataremos delas separadamente.

Em primeiro lugar, ele afirma que nós morremos para a lei pelo corpo de Cristo. Por natureza, somos todos sujeitos “à lei do pecado e da morte”. Não podemos ajudar a nós mesmos, a nossa tendência natural é pecar, e o nosso estilo de vida leva à morte. “O pecado e a morte”, escreveu um dos comentaristas de Romanos 8.2, “são aqui concebidos objetivamente como poderes que impõem a sua própria lei sobre o não remido”. Nos dias do Antigo Testamento, e sob a antiga aliança, a lei de Moisés foi dada para manter a natureza humana dentro de limites e revelar algo da justiça de Deus. É por estarmos tão absolutamente sob o domínio da lei do pecado que somos completamente incapazes de cumprir a lei de Deus.

Somente um Homem viveu continuamente uma vida sem pecado: o Homem Cristo Jesus. Ele veio “na semelhança da carne pecaminosa” e se identificou conosco, tornando-se o nosso campeão na luta contra o mal. Em seu combate com Golias, Davi foi levantado como o israelita representativo, e toda a questão da vitória ou derrota estava posta nele. Do mesmo modo, o Senhor Jesus Cristo entrou na luta como o Homem representativo. Paulo colocou desta forma: “Porquanto o que fora impossível à lei, no que estava enferma pela carne, isso fez Deus enviando o seu próprio Filho em semelhança de carne pecaminosa e no tocante ao pecado; e, com efeito, condenou Deus, na carne, o pecado” (Rm 8.3). “Paulo não quer dizer”, diz um comentarista, “que pela Sua vida sem pecado em nossa natureza Cristo tenha quebrado o poder do pecado definitivamente na raça humana; ele quer dizer que na morte de Seu próprio Filho, que

tinha vindo em nossa natureza para fazer a propiciação do pecado, Deus sentenciou o pecado e deu um fim em suas reivindicações e sua autoridade sobre nós”.

Aqui está algo que foi feito por Deus definitivamente. Tornamo-nos mortos para a lei pelo corpo de Cristo e somos ordenados a nos “considerar mortos para o pecado”, porque “fomos sepultados com ele pelo batismo na morte”. Esse fato inalterável tem como objetivo que a justiça da lei possa ser cumprida em nós, para que possamos viver uma vida santa e semelhante à de Cristo e manifestá-LO neste mundo.

O Espírito de Deus nos ajuda de dois modos. Em primeiro lugar, Ele toma das coisas de Cristo e as mostra a nós (Jo 16.15). Ele retira o véu e nos revela o fato da nossa identificação com Cristo em Sua morte, pois somente Ele pode abrir a nossa compreensão para que possamos entender o significado daquele poderoso sacrifício de expiação. Em segundo lugar, Ele aplica, em nossa vida, a visão assim comunicada. Devemos ter sempre em mente que Deus não trata conosco para nos dar uma série de experiências, mas para que possamos viver uma vida santa. “... se, pelo Espírito, mortificardes os feitos do corpo, certamente, vivereis” (Rm 8.13b) é uma descrição clara da operação do Espírito para tornar verdadeira a obra da cruz em nós.

Apoiando-nos no milagre do Calvário, onde não somente Cristo morreu por todos nós, mas nós morremos n'Ele, podemos entregar aquelas coisas que sabemos ser da velha vida a Deus. Quando achamos impossível tratar com as coisas da velha vida por nós mesmos, podemos invocar nosso Salvador e em Suas mãos podemos vislumbrar o poder da Sua morte sobre a velha vida e entrar no descanso da fé, um descanso de união com o Cristo vivo.

O verso continua: “... para pertencerdes a outro, a saber, aquele que ressuscitou dentre os mortos...”. As palavras da cerimônia de casamento parecem ajustar-se bem aqui: “Na alegria e na tristeza, na riqueza e na pobreza, na doença e na saúde”. Tudo agora tem de ser compartilhado. Duas vidas devem se tornar uma. Não há nada mais maravilhoso no plano humano do que isso, e este quadro é usado na união entre o Senhor Jesus Cristo e nós. Não há nenhum segredo, nenhuma separação, as dificuldades, os problemas, as provações são todas responsabilidades mútuas, e as alegrias também são igualmente compartilhadas. É algo maravilhoso compartilhar tudo com Ele. Somos um com Ele, estamos unidos a Ele. Essa união foi realizada por meio do corpo de Cristo, por meio da Cruz e do sepulcro, e fomos unidos a Ele em Sua ressurreição. “Mas aquele que se une ao Senhor é um espírito com ele” (1 Co 6.17).

Aqui novamente o Espírito de Deus é o agente que faz essa união. Por isso, Paulo ora pelos efésios: “... para que, segundo a riqueza da sua glória, vos conceda que sejais fortalecidos com poder, mediante o seu Espírito no homem interior...” (Ef 3.16).

No mais profundo do nosso ser Ele prepara o lugar de habitação do Senhor, que habita em nosso coração pelo Seu Espírito: “... que sejais fortalecidos com poder, mediante o seu Espírito no homem interior”. É algo muito precioso ser “um com Ele”. Tudo o que temos vem de Cristo. Ele é a plenitude da

Este termo todo inclusivo se refere aos anjos, aquelas inteligências não caídas. Estes estão todos de algum modo incluídos na reconciliação que Cristo realizou pela Sua cruz. A humanidade é vista no centro, e abaixo de nós estão todas as coisas criadas da terra. Além de nós estão os reinos distantes que somos completamente incapazes de compreender durante o período da nossa vida terrena. No centro de tudo Paulo vê a cruz e declara que por meio dela Deus reconcilia todas as coisas com Ele mesmo.

A frase “nos céus” nos leva um passo adiante. A esfera de reconciliação não é somente a humanidade, nem meramente as coisas da terra abaixo de nós, nem somente as coisas criadas do céu acima de nós, são aquelas da própria natureza de Deus.

Vamos nos lembrar das palavras do salmista: “A misericórdia e a verdade se encontraram; a justiça e a paz se beijaram” (Sl 85.10). Todos estes existem na natureza de Deus, a misericórdia e a verdade, a justiça e a paz. A misericórdia, que não significa a compaixão que perdoa, mas a ternura que se curva em amor; a verdade, que é a integridade e a retidão, aquela que é estável e edificadora; a justiça, que é uma linha reta sem desvio; a paz, que é a segurança absoluta, todos estes coexistem na natureza de Deus.

A introdução do pecado no universo rompe a harmonia deles, e ali está criada a necessidade da reconciliação dentro da própria natureza de Deus. Deus é o Deus da verdade. Em Seu universo um ser viola a verdade. Como é possível para Ele se curvar em ternura e amor sobre tal ser, cuja ação ameaça a estabilidade do universo? Deus é o Deus da justiça, aquela que não pode se desviar da retidão absoluta. A introdução na presença da justiça essencial daquele que a contradiz deve tornar a paz impossível. É um dos fatos essenciais do Seu Ser que, a partir do momento que o pecado existiu no universo, houve necessidade de reconciliação, se a misericórdia e a verdade devem se encontrar juntas e a justiça e a paz devem beijar uma a outra.

Falamos de lei e amor, de verdade e graça, de justiça e misericórdia, e ainda que o pecado não exista, não há nenhuma dificuldade entre nenhum deles. Se não houver pecado, lei e amor nunca estão sem harmonia, verdade e graça vão sempre de mãos dadas, justiça e misericórdia cantam em comum um hino. Se a lei for quebrada, o que deve fazer o amor? Se a verdade for violada, como a graça pode operar? Na presença do crime, como a justiça e a misericórdia podem se encontrar? Esse é o problema dos problemas. Ele não é um problema como aquele entre Deus e o homem. Ele não é um problema como aquele entre Deus e os anjos. Ele é um problema entre Deus e Ele mesmo.

Isso é respondido na cruz, “Deus estava em Cristo” desde toda a eternidade e Ele encontrou o caminho da reconciliação. Pelo sofrimento, realizado na história humana e à vista de todas as eras por meio da cruz, Ele demonstrou que o amor encontra a lei quando ela sofre e a cumpre. A graça satisfaz a exigência da verdade resolvendo todas as questões da sua violação e a misericórdia pode funcionar com base na justiça, não porque Deus castigou e afligiu outro, mas porque, em um mistério que confunde e fere o intelecto, Deus reuniu todos eles em Seu próprio coração e sofreu para reconciliar todas as coisas com Ele

relação com a criação nas palavras “o primogênito de toda a criação... Nele, tudo subsiste”; e em terceiro lugar, em Sua relação com a Sua Igreja nas palavras “ele é a cabeça do corpo, da igreja... o primogênito de entre os mortos” (Cl 1.15-18).

O ensinamento a respeito da grandeza da Sua obra está inseparavelmente conectado a grandeza da Sua Pessoa. A respeito da Sua obra como Revelador de Deus: “... porque aprovou a Deus que, nele, residisse toda a plenitude”. A respeito da Sua obra em relação a esta criação da qual Ele é ao mesmo tempo a Fonte e o Alimento, a Sua missão está expressa nas palavras “por meio dele, reconciliasse consigo mesmo todas as coisas”. Finalmente, a Sua obra acerca da Igreja, da qual Ele é a cabeça, está expressa na declaração “e a vós outros também que, outrora, éreis estranhos e inimigos no entendimento pelas vossas obras malignas, agora, porém, vos reconciliou no corpo da sua carne, mediante a sua morte, para apresentar-vos perante ele santos, inculpáveis e irrepreensíveis” (Cl 1.21-22).

A grandeza da Pessoa de Cristo em relação a Deus é que Ele é “a imagem do Deus invisível”, e a grandeza da Sua obra em relação a Deus é vista no fato de que “aprovou a Deus que, nele, residisse toda a plenitude”.

A grandeza da Sua Pessoa em relação à criação é que Ele é “o primogênito de toda a criação... Nele, tudo subsiste”, e a grandeza da Sua obra em relação a esta criação está expressa nas palavras “reconciliasse consigo mesmo todas as coisas, quer sobre a terra, quer nos céus”.

A grandeza da Sua Pessoa em relação à Igreja é que “ele é a cabeça do corpo, da igreja”, e a grandeza da Sua obra em relação à Igreja é a reconciliação de indivíduos para que eles possam ser incorporados à Igreja.

A plenitude da Pessoa produz a plenitude da obra. A imensurável glória de Cristo como Ele é produz a imensurável graça de Cristo no que Ele é capaz de fazer desde o centro aos confins do universo de Deus.

A mensagem especial é que Deus reconcilia não apenas almas individuais, mas “todas as coisas, quer sobre terra, quer nos céus”, por meio de Cristo, a imagem de Deus, o primogênito da criação, a cabeça da Igreja, pelo sangue da Sua cruz. Este é o significado da cruz.

Ao descrever a glória de Cristo na criação, o apóstolo declarou: “... pois, nele, foram criadas todas as coisas, nos céus e sobre a terra” (Cl 1.16), mas quando ele fala da reconciliação, usa a ordem oposta: “... quer sobre a terra, quer nos céus”. A ordem criativa foi esta: primeiro o céu e então a terra. A ordem de reconciliação é esta: a terra e então o céu. Não devemos agora entrar em nenhuma discussão quanto a se este nosso planeta é o centro do universo criado. É perfeitamente certo que há vastos alcances da criação sobre os quais não conhecemos nada. É suficiente para nós no momento atual reconhecer que, para o propósito da nossa compreensão do significado da vida, somos compelidos a tratar com o universo como que rodeando a terra na qual vivemos. Reconhecendo isso, o apóstolo mostra que a reconciliação começa aqui e então afeta todos os céus.

A esfera de reconciliação é em primeiro lugar a das coisas que estão na terra, mas o que pode muito bem nos assustar é a frase seguinte: “nos céus”.

Divindade em pessoa, e estou unido a Ele, e Ele supre a minha necessidade. Onde quer que Deus nos tenha colocado, estamos unidos a uma fonte de toda a provisão. Precisamos ser libertos de nós mesmos e das nossas próprias obras e caminhos para que Cristo possa suprir a nossa necessidade e manifestar a Si mesmo em nós.

Se você quer mais vida, deve haver mais morte. Se você quer estar mais ciente do Seu amor e graça, deve haver mais quebrantamento no que diz respeito à velha natureza. Deve haver um momento nos acontecimentos humanos quando a noiva é levada para a casa de seu marido. Agora é sua responsabilidade cuidar dela. Quão jubiloso é podermos descansar na casa do nosso Amado: “... seu estandarte sobre mim é o amor” (Ct 2.4). Estou unido a Ele, e a Sua vida é minha. Somente o Espírito de Deus pode tornar isso verdadeiro para nós. Oh, a maravilha e a glória disso. A Sua infinita ternura e graça em nos tomar, pecadores perdidos, desesperados, rebeldes, e não apenas nos salvar, mas nos tornando um com Ele. Este é o descanso do qual o mundo não conhece nada, ele nos introduz nessa vida que é vida de fato.

Para que serve isso? Para que possamos dar frutos para Deus. Para todo fruto que Deus produz há duas pessoas responsáveis: há Cristo e você. “... porque sem mim nada podeis fazer” (Jo 15.5b), disse Ele. Que lição a ser aprendida! Agora é uma questão do fruto da união, não do fruto do esforço, mas com que frequência nós tentamos produzir fruto pelo nosso próprio esforço. O fruto vem da união com Cristo, e aqueles que estão sepultados com Ele no batismo, na morte, compartilham da Sua ressurreição e produzirão fruto para Deus. Se Deus não está abençoando o nosso ministério, o erro está na falta da união com Ele. Por que se afligir pelos resultados? A nossa união com Ele produzirá fruto. Aqui, mais uma vez é a obra do Espírito Santo que dá os resultados. Você deve ter notado o contraste entre as obras da carne, a carne funcionando em seu 'programa de produção', a carne trabalhando nas divisões e ciúmes dentro da Igreja cristã, e a quieta tranquilidade do fruto do Espírito, o amor, a alegria e a paz.

A necessidade desesperada das nossas igrejas é apenas isso, a necessidade de uma nova revelação do Calvário e da união com o Cristo vivo. Não pode haver nenhum reavivamento sem isso.

“Você morreu.” Louve a Deus por essa união jubilosa, vital, que pertence a outro. Morremos para que possamos dar frutos para Deus. Todos nós produzimos uma abundância de frutos para nós mesmos e para o diabo nos tempos passados. Agora o rico fruto espera por você, do qual você provavelmente não estará consciente. O conhecimento da sua união com Ele produzirá o fruto espontaneamente, e Ele verá o trabalho árduo da Sua alma e estará satisfeito.

Do livro: *The Spirit of Calvary* (O Espírito do Calvário).

A CRUZ COMO UMA PROCLAMAÇÃO

Sra. Jessie Penn-Lewis

“A palavra da cruz... é o poder de Deus”, disse o apóstolo Paulo (1 Co 1.18). Ela é dinâmica e por meio dela o Espírito Santo manifesta a habilidade energética de Deus para salvar. Não é a 'pregação' sobre a cruz que é o poder, mas a palavra da cruz, e é essa “palavra da cruz” que deve ser proclamada a um mundo caído e perdido, como uma mensagem de Deus, anunciada como um arauto anuncia uma proclamação.

Isso pode ser rastreado nas epístolas de Paulo. “... vos proclamamos o evangelho de Deus” (1 Ts 2.9). A nota de rodapé da versão Conybeare diz: “A palavra original envolve a ideia de um arauto que proclama uma mensagem”. Mais uma vez em Tito 1.3: “... em tempos devidos, manifestou a sua palavra mediante a pregação [proclamação] que me foi confiada por mandato de Deus, nosso Salvador”. E Gálatas 1.15-16: “Quando... aprovou [a Deus] revelar seu Filho em mim, para que eu o pregasse [literal: proclamasse] entre os gentios...”. Uma proclamação necessita de um arauto, por isso o apóstolo escreve a Timóteo: “... e manifestada, agora... mediante o evangelho para o qual fui designado pregador [arauto]...” (2 Tm 1.10-11). “... o qual [Jesus Cristo] a si mesmo se deu em resgate por todos: testemunho que se deve prestar em tempos oportunos. Para isto fui designado pregador [arauto]...” (1 Tm 2.6-7). Todas essas passagens mostram a natureza de “arauto” de Paulo na pregação da cruz.

A proclamação deve ser a “palavra” da Cruz, e Paulo escreve em 1 Co 1.22-23: “Porque tanto os judeus pedem sinais, como os gregos buscam sabedoria; mas nós pregamos [proclamamos] a Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gentios...”. A palavra da cruz está vitalmente ligada à ressurreição. “Lembra-te de que Jesus Cristo, ressuscitado de entre os mortos, descendente de Davi, segundo o meu evangelho” (2 Tm 2.8). Aqui temos a dupla mensagem da cruz colocada como os termos da proclamação: um Messias crucificado e um Messias ressuscitado dos mortos. O Calvário e a Ressurreição. Uma morte física verdadeira e uma ressurreição física verdadeira.

A responsabilidade do arauto é proclamar a mensagem. Encontramos isso em 1 Coríntios 9.15-17, onde Paulo escreve sobre ele mesmo: “... eu, porém, não me tenho servido de nenhuma destas coisas e não escrevo isto para que assim se faça comigo; porque melhor me fora morrer, antes que alguém me anule esta glória. Se anuncio [proclamo] o evangelho, não tenho de que me gloriar, pois sobre mim pesa essa obrigação; porque ai de mim se não pregar o evangelho! Se o faço de livre vontade, tenho galardão; mas, se constrangido, é, então, a responsabilidade de despenseiro que me está confiada”. Essa é uma linguagem forte, mas Paulo a usa para mostrar aos coríntios a compulsão divina sobre ele e quão solene é a confiança depositada nele. Eles entendiam naquele tempo quão absolutamente um “mordomo” tinha de obedecer ao seu mestre. Embora o apóstolo servisse por sua livre vontade, contudo, quanto a sua mensagem, o constrangimento sobre ele o punha no mesmo lugar de um escravo. Ele tinha que cumprir seu dever. “Porque não me enviou Cristo para batizar,

dos quando abatidos (2 Co 4.8-9).

Devemos estar sempre olhando para a cruz, considerando “aquele que suportou tamanha oposição dos pecadores contra si mesmo” (Hb 12.3) para que não enfraqueçamos, desfalecendo em nosso ânimo. Foi a cruz que sustentou padre Damião quando ele trabalhou entre os leprosos. Se não fosse pela cruz, ele nunca poderia ter vivido entre eles, pregando-lhes o evangelho, até que ele mesmo morresse de lepra. Mary Slessor testemunhou que a cruz de Cristo manteve sua fidelidade na tarefa que envolveu infinita dor no coração da África. O combate hoje é tal que a menos que tiremos de uma forma sempre mais profunda da fonte que flui do lado do Emanuel, com o Calvário como o nosso único centro, muito certamente desfaleceremos em nossa mente, nos cansaremos e voltaremos atrás.

Finalmente, devemos estar sempre voltando para a cruz, pois em nenhum outro lugar serão encontradas armas adequadas para vencer o diabo, o príncipe deste mundo. Foi na cruz que o Redentor despojou os principados e potestades e fez uma exposição deles abertamente, triunfando sobre eles. É somente quando vivemos uma vida crucificada que as armas da nossa batalha deixam de ser carnis e se tornam poderosas em Deus para destruição das fortalezas de Satanás. Parece que chegou a hora em que o inimigo, sabendo que o seu tempo é curto, desceu com grande ira.

Mais do que nunca, precisamos “atar o homem forte” com base na vitória do Calvário. Se alguma vez houve um tempo em que se deveria prestar atenção à ordem bíblica “resisti ao diabo”, este é agora. Se isso for feito no pleno exercício da obra de redenção consumada pelo Redentor, a vitória será nossa, contudo o inimigo sutilmente pode bater em retirada e todo o inferno ser movido contra nós.

A CRUZ E AS ERAS POR VIREM

S. Campbell Morgan

“... e que, havendo feito a paz pelo sangue da sua cruz, por meio dele, reconciliasse consigo mesmo todas as coisas, quer sobre a terra, quer nos céus” (Cl 1.20).

O assunto da carta à igreja em Colosso é preeminentemente as glórias de Cristo em Sua relação com a Sua Igreja. Paulo escreve: “... porque aprovou a Deus que, nele, residisse toda a plenitude” (Cl 1.19), e a respeito da Igreja ele escreve: “... a qual é o seu corpo, a plenitude daquele [Cristo] que a tudo enche em todas as coisas” (Ef 1.23).

A passagem (Cl 1.20) consiste numa das declarações mais notáveis do Novo Testamento a respeito da grandeza da Pessoa de Cristo e da grandeza da Sua obra.

A grandeza da Sua Pessoa é mostrada primeiramente em Sua relação com Deus nas palavras “a imagem do Deus invisível”; em segundo lugar, em Sua

Alguém simplesmente não pode exagerar o poder da cruz sobre o coração e a vida de Paulo. Para ele, a cruz era o centro da sua vida, o fundamento do seu ser, o alfa e o ômega das suas esperanças e aspirações; ela era a estrela guia da sua fé e o fundamento do qual tirou toda sua inspiração. Ele estava determinado a não saber nada a não ser Jesus Cristo e este crucificado.

Como cristãos, devemos voltar constantemente para o nosso centro, a cruz. Se não conseguirmos assim fazer, seremos engolidos por uma noite escura.

Devemos sempre voltar à cruz para uma renovada limpeza. Nunca chegaremos ao ponto onde o Sangue purificador não seja mais necessário. “Quem já se banhou não necessita de lavar senão os pés; quanto ao mais, está todo limpo” (Jo 13.10). O contato com o mundo suja, por mais vigilantes que possamos ser em nosso caminhar cristão. A verdade é que o cristão não peca voluntariamente, mas tropeça de forma ocasional, e as suas vestes sempre estão sendo manchadas. Se ele anda na luz e vive em comunhão inquebrantável com o seu Redentor, deve aprender a se voltar imediatamente para a cruz quando surge a necessidade de lavar suas vestes de novo no Sangue do Cordeiro.

Devemos tomar posse do poder da cruz para uma sempre nova remoção da vida egocêntrica. A nossa posição judicial de identificação com Cristo na morte e ressurreição, uma vez que é assumida no poder do Espírito Santo, é um fundamento inabalável. Podemos considerá-la um fato que independe de sentimento. Podemos considerar verdadeiro o que Deus afirma em Sua Palavra, mas a unidade com Cristo em Sua morte para o pecado, a qual somos ordenados a considerar (Rm 6.11), é algo que o cristão que deseja ser mais do que vencedor deve estar para sempre fazendo bem em experimentar. Um momento desprotegido pode ser ocasião para a natureza velha, pecadora, levantar a sua cabeça. Devo voltar ao meu centro e aceitar de novo o poder assassino da cruz, renunciando o ego ou o desejo da velha vida natural secretamente se restabelecer.

Não há vida a não ser a que vem da morte. Por isso, estamos sendo sempre entregues à morte. Deus gostaria de ter fruto abundante, mas o grão de trigo deve cair na terra e morrer ou então permanece só. A abundância de vida que comunicamos a outros será medida pela profundidade da morte à qual somos entregues em Cristo. Não há nenhum outro caminho para a frutificação abundante.

Nunca devemos perder de vista a cruz, sempre nos voltando a ela em espírito, já que ela é o molde de Deus para o cristão. Estamos sendo conformados a um padrão. Quanto ao caráter, o Oleiro Divino não está formando uns de um jeito e outros de outro. Estamos predestinados para sermos conformados à imagem de Seu Filho (Rm 8.29), o que significa sermos conformados à sua morte (veja Filipenses 3.10). É somente quando, com Paulo, estamos crucificados juntamente com Cristo que o Oleiro Celestial vê o trabalho árduo da Sua alma e fica satisfeito. Devemos interpretar todas as coisas à luz da cruz, sabendo que sempre levamos no corpo o morrer do Senhor Jesus. Somente isso nos guardará de sermos afligidos quando em dificuldade, do desespero quando perplexos, de nos sentirmos abandonados quando perseguidos e de sermos destruí-

mas para pregar o evangelho...” (1 Co 1.17a).

A proclamação a ser entregue é: “... não com sabedoria de palavra, para que se não anule a cruz de Cristo” (1 Co 1.17b). A proclamação não precisa do adorno das belas palavras e a exposição oratória da linguagem. Tem apenas de ser proclamada em sua simplicidade, pois é a palavra da cruz que é o poder de Deus, não as palavras sobre ela. Aqui está declarado também o fato solene de que o pregador pode tornar fraca a mensagem que contém o poder de Deus. As palavras que a “sabedoria” humana do homem natural pensa serem necessárias para fazer a mensagem aceitável têm na realidade o resultado contrário, ao tornar vão o poder da própria cruz. Tão poucos realmente creem que a própria “palavra”, simplesmente declarada, tem nela o “poder de Deus” e não estão dispostos a serem simples proclamadores da Palavra escrita.

Como Paulo cumpriu a sua comissão como um arauto com uma proclamação? “E eu, irmãos, quando fui ter convosco, anunciando-vos o testemunho de Deus, não o fiz com ostentação de linguagem ou de sabedoria. Porque decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo e este crucificado” (1 Co 2.1-2). E então acrescenta: “E foi em fraqueza, temor e grande tremor que eu estive entre vós”. Oh, Paulo, você não errou a palavra? Você não quis dizer que estava cheio de poder? Não! “E foi em fraqueza, temor e grande tremor que eu estive entre vós.” A nota de rodapé da versão Conybeare indica que essa expressão significa uma “ansiedade trêmula para executar um dever”, a “atitude ansiosa” de um “escravo”.

Quando a solenidade da confiança e o caráter vital da mensagem da cruz são percebidos por alguém, ele é compelido a produzir esta “ansiedade trêmula” para que não falhe com Deus ou se torne inadequado para que o Espírito Santo o use na mensagem. “A minha palavra e a minha pregação”, continua o apóstolo, “não consistiram em linguagem persuasiva de sabedoria, mas em demonstração do Espírito e de poder...” (1 Co 2.4). Aqui está novamente. Paulo deliberadamente evita utilizar “palavras persuasivas”. Adicionalmente ao “poder de Deus”, o arauto simplesmente tem de ser cuidadosamente exato ao transmitir a proclamação.

Paulo trabalhou para preparar Timóteo para levar a cabo a obra ao saber que a sua partida estava próxima. Ouça as suas últimas solenes palavras: “Conjuro-te, perante Deus e Cristo Jesus, que há de julgar vivos e mortos, pela sua manifestação e pelo seu reino: prega [proclame] a palavra, insta, quer seja oportuno, quer não, corrige, repreende, exorta com toda a longanimidade e doutrina. Pois haverá tempo em que não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, cercar-se-ão de mestres segundo as suas próprias cobiças, como que sentindo coceira nos ouvidos; e se recusarão a dar ouvidos à verdade, entregando-se às fábulas” (2 Tm 4.1-4). O velho Paulo não tinha dúvida a respeito da atitude de muitos em relação à verdade do evangelho depois que ele se fosse, especialmente nos últimos dias, os quais estamos vivendo agora. Tadavia, “conjuro-te... PROCLAME” está escrito para todos nós assim como para Timóteo. A paixão da sua mensagem estava em Paulo até o fim. Uma coisa com a qual se preocupou foi com a sua comissão. Quando ele olha para trás, para os seus sofrimentos,

tudo é tragado pelo fato de que tinha cumprido seu ministério.

Em 2 Coríntios 6.4, 9-10, temos um vislumbre do seu serviço como um arauto. “Pelo contrário, em tudo recomendamos-nos a nós mesmos como ministros de Deus: na muita paciência, nas aflições, nas privações, nas angústias, nos açoites, nas prisões... como se estivéssemos morrendo e, contudo, eis que vivemos; como castigados, porém não mortos; entristecidos, mas sempre alegres; pobres, mas enriquecendo a muitos; nada tendo, mas possuindo tudo”. Então em 2 Coríntios 4.2 vemos como ele tratou a Palavra de Deus. Ele disse: “... pelo contrário, rejeitamos as coisas que, por vergonhosas, se ocultam, não andando com astúcia, nem adulterando a palavra de Deus; antes, nos recomendamos à consciência de todo homem...”. Incisivo como Paulo era para ganhar almas para Cristo, não usou nenhum esquema astuto para alcançá-los. Ele ousadamente dependeu de uma proclamação aberta e franca da palavra da cruz, crendo ser ela o “poder de Deus”. Ele “abertamente entregou a verdade” de tal modo que as consciências dos homens foram alcançadas, tanto pela plena declaração honesta da sua mensagem como pela clareza transparente da sua vida.

Tudo o que é de Deus pode ser abertamente proclamado a todos. Não há nenhum grau de “iniciação” na Igreja de Deus. Há etapas diferentes do crescimento no conhecimento, mas nenhuma “verdade secreta” que não pode ser proclamada a todo mundo. Oh, porque essa declaração corajosa e franca da Palavra de Deus confia nela como o poder de Deus. Vamos abertamente proclamar a mensagem de Deus nos termos simples das Escrituras, seguros da cooperação de Deus. É uma necessidade absoluta que o Espírito Santo faça a morte de Cristo no Calvário tão real para todo pecador, para que percebam a Sua morte por eles, e então venham a Ele como um Salvador vivo. Ele é o Salvador vivo, mas nós não vamos a Ele apenas pelos Seus méritos, e até mesmo por causa da Sua obra no Calvário, mas aquela morte no Calvário deve se tornar real para nós pelo Espírito Santo, para que vejamos a nossa parte nela e saibamos que nascemos para uma nova vida por meio da Sua morte como o nosso Substituto.

Gálatas 3.1 enfatiza isso de um modo muito vívido: “Ó gálatas insensatos! Quem vos fascinou a vós outros?”, escreve o apóstolo, “ante cujos olhos foi Jesus Cristo exposto como crucificado?”. Essa foi a forma com que Paulo pregou. Ele “proclamou” a “palavra da cruz como o poder de Deus” e “mostrou” Jesus Cristo sobre a Sua Cruz diante dos gálatas para que, por assim dizer, vissem a crucificação com os seus próprios olhos. Essa é a mensagem a ser proclamada, exatamente como se você sáisse como um arauto, dizendo: “Uma proclamação do céu – Ele foi levantado na cruz por você. Eis o Cordeiro de Deus!”.

Do livro: *The Centrality of the Cross* (A Centralidade da Cruz).

A fonte de todo o nosso poder na batalha é a morte do Senhor Jesus, por meio da qual a vitória sobre Satanás foi ganha. Um traje completo de armadura foi fornecido para o soldado cristão. Duas características principais no equipamento são claramente vistas: a sua suficiência para proteger todo o ser e a sua eficiência para toda exigência feita sobre ele. Naquela armadura somos capazes de permanecer firmes, resistir ao inimigo (Ef 6.13) e apagar todo dardo inflamado (Ef 6.16). A armadura atende a toda circunstância, condição e característica do ataque inimigo de toda parte. Satanás só pode ser derrotado pela obra consumada no Calvário, que dá a cada parte da armadura a sua força. Somos ordenados a vesti-la e tomá-la. Usar todo o equipamento fornecido, não parte por parte, mas todas as partes, a cada dia e ao longo de todos os dias, e então permanecer firme.

É necessário que a nossa fé em Deus e em Seu poder sejam provados, bem como o nosso conhecimento do que Ele fez por nós. Para permanecermos firmes contra as tentações do pecado, contra toda revolta do ego e assalto de Satanás, para resistirmos firmemente a todo ataque das trevas, por meio da cruz e no campo da vitória ganha ali.

Duas armas ofensivas nos foram dadas para o combate: a espada do Espírito, a revelação da mente de Deus, e a oração, habitual, inteligente e persistente. Contra tais armas, manejadas no poder do Espírito Santo, Satanás nunca pode resistir. Não vamos nunca perder de vista a fonte e a promessa da vitória expressa no verso dez: “Fortalecei-vos no Senhor”. Esta é a posição de força para nós ocuparmos. A vitória está em não deixá-la, mas ser achado em todo ataque das trevas em Cristo, por meio da Sua cruz. “Deixe seu coração ser fortalecido no Senhor” (Conybeare). Permanecer em contato com o Senhor é ser forte: “No poder da sua força” (Ef 1.19, Ef 3.16 e Cl 1.11). O poder vem por meio da obediência, da dependência e da cooperação com Ele.

O combate é inevitável enquanto estivermos aqui, mas a vitória é possível se tomarmos o caminho de Deus. Assim, levar o propósito do Senhor um passo adiante, dia após dia, até que chegue o momento em que Ele aparecerá. Então cantaremos a nova canção: “Digno é o Cordeiro que foi morto”. Amém e amém. “Vem, Senhor Jesus.”

GLÓRIA SOMENTE NA CRUZ

F. J. Huegel

Assim como as pessoas se gloriam em seus bens, os guerreiros em suas armas, a realza em seu sangue e nome, os cientistas em sua ciência, as mulheres em sua beleza e os artistas em sua arte, assim também o apóstolo Paulo se gloriava na cruz de Cristo. “Longe esteja de mim”, ele exclamava, “de me gloriar a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo”. Ele não apenas se gloriava na cruz, ele não tolerava nenhuma concorrência. Ele não se gloriaria em nada a não ser na cruz. A reivindicação dela sobre a sua devoção devia ser absoluta e total.

que é contrário à carne” (Gl 5.17 – NVI).

Contrário significa desejos antagônicos ao Espírito Santo. A versão Conybeare traduz assim o verso: “Pois o desejo da carne luta contra o Espírito, e o desejo do Espírito luta contra a carne e esta variação tende a nos impedir de fazer o que desejamos fazer”. A carne ou o natural deseja continuar sem o Espírito, e o Espírito deseja continuar dominando e guiando o natural. Se alguma palavra for dita, levantando dentro de nós a sensação de ressentimento, surge a tentação de responder com uma réplica severa. Qual então fica no topo: o ego não crucificado ou o espírito vitorioso? A velha natureza, sempre pronta para se defender e retaliar, ou a nova natureza, que encara o ataque calma e humildemente na dependência do Espírito Santo e ganha a vitória? É aqui onde tantas vezes erramos. Conhecemos a teoria do combate espiritual, mas ao praticá-lo muitas vezes erramos.

Como o Espírito Santo deve se tornar o Mestre para que a Sua supremacia ignore a insistente supremacia da carne? O primeiro passo para a vitória é para a carne ser levada à cruz (Gl 5.24) e a vida colocada sob o governo do Espírito Santo (Ef 5.18). Uma aceitação definitiva d’Ele pela fé deve ser feita se os planos de Deus para a nossa vida devem ser cumpridos. Esse ato de receber o Espírito Santo O torna dominante. Em cada ponto do combate o fator decisivo é a nossa escolha. Qual é a nossa decisão? São os caminhos da carne? Então pela carne seremos dominados. É a orientação do Espírito Santo? Seguramente Ele nos possuirá, influirá e inspirará. Pois é a atitude da vontade que leva à vitória ou derrota.

A vitória é assegurada quando, com o nosso consentimento, o Espírito Santo torna a morte de Cristo e o Sangue do Cordeiro eficazes em nosso caráter e somos cheios do Espírito. Sob Seu controle, regulado em pensamento e conduta pelo padrão do Espírito, guiado e movido por Ele, então Ele se torna supremo. Tal vida não é para uns poucos favorecidos, mas para todos que trilham o caminho comum, e isso implica uma dependência vigilante, inteligente e obediência ao Espírito Santo.

O combate está registrado em Efésios 6.10-18. Sempre que o crente, cheio do Espírito Santo, começa a regular a sua vida conforme o padrão divino, Satanás escolhe um novo campo de batalha.

Agora a tentação muitas vezes não é na esfera da velha natureza, mas da vida espiritual. Não que a velha natureza não se faça presente sentida ou que a carne não continuará se manifestando. Elas assim o farão e nunca devemos escapar da cruz, o único lugar onde a vitória sobre a velha natureza é ganha, e devemos constantemente nos render e receber o Espírito Santo, por meio de quem triunfamos sobre a carne. Mas o combate vai mais longe. Os nossos inimigos são mais do que a velha natureza, mais do que a carne, eles são os principados e poderes das trevas, espíritos de ignorância e pecado. O campo de batalha é nos lugares celestiais, uma guerra espiritual, e nessa grande luta, nas questões que têm a ver com concluir os propósitos de Deus para o mundo, devemos tomar parte.

O SEGREDO DA SANTIFICAÇÃO

A. B. Simpson

Paulo não nos deixou dúvida sobre os princípios que estão por trás da sua experiência de santificação. O primeiro deles é o grande princípio fundamental da morte e ressurreição. Ele descobre o cerne da sua experiência no qual está o centro de todo o cristianismo, a cruz de Jesus Cristo: “Ou, porventura, ignorais que todos nós que fomos batizados em Cristo Jesus fomos batizados na sua morte? Fomos, pois, sepultados com ele na morte pelo batismo; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também andemos nós em novidade de vida. (...) Assim também vós considerai-vos mortos para o pecado, mas vivos para Deus em Cristo Jesus” (Rm 6.3-4, 11).

A santificação não é a melhoria da velha natureza nem uma operação cirúrgica que retira uma parte dela. Ela é a absoluta e completa morte do ego, do homem natural, com o Senhor Jesus Cristo. Ela não é apenas a morte da sua maldade, mas a morte da sua bondade natural. Ela não é apenas o colocar de lado a sua fraqueza, mas o despir da sua força natural, e então o seu emergir da sepultura do Senhor Jesus Cristo com uma vida tão nova e tão divina que é como se ela tivesse nascido do céu.

Santificação não é a melhoria do ego, mas a destituição do ego e sua substituição com a nova vida divina sobrenatural do Senhor Jesus Cristo. A velha natureza é deixada de lado, nada de bom é esperado dela, já que está “morta” e a sua “vida está oculta juntamente com Cristo, em Deus” (Cl 3.3).

O próximo princípio na experiência e doutrina da santificação de Paulo é a vida de Cristo. E agora chegamos ao próprio centro do assunto neste belo texto: “Estou crucificado com Cristo; logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que, agora, tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim” (Gl 2.19b-20).

A compreensão de Paulo a respeito da santificação é inteiramente sobrenatural e pessoal. Não é para ele uma coisa, mas uma Pessoa. Não é algo que ele alcançou, mas é Alguém que ele encontrou. Ela não é uma experiência pela qual passou, mas um vivo e todo-poderoso Amigo com quem foi unido para sempre. Não é que Paulo se tornou um homem melhor, mas Paulo recebeu em seu ser mais interior o Filho do Homem, Um Homem, o Homem Divino, o único Homem que sempre agradou a Deus ou sempre pode agradá-LO novamente.

Paulo viu o Senhor Jesus Cristo como o seu vivo Cabeça e como o seu vivo Substituto. Ele O recebeu em todo o seu ser para viver interiormente, para ser o que ele não pôde ser, fazer o que ele não pôde fazer e para ser feito por ele “sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção” (1 Co 1.30). Daí em diante o seu alegre grito triunfante é: “Cristo vive em mim”. “... tudo posso naquele que me fortalece” (Fl 4.13).

Esse é o ensinamento sublime do próprio Mestre: “Eu sou a videira, vós os ramos. Quem permanece em mim, e eu, nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer” (Jo 15.5). Este é o mistério “que estivera oculto dos

séculos... Cristo em vós, a esperança da glória...” (Cl 1.26-27).

Essa é a verdade que não faz nada de nós e, contudo, tudo de nós, para colocar para sempre a nossa glória no pó e, no entanto, para sempre nos elevar acima da velha perfeição natural, acima da autossuficiência, até a toda suficiência do próprio Senhor Jesus Cristo.

Por isso Paulo aprendeu o segredo da santificação “pela fé” e bem o ensinou aos seus discípulos. Na primeira descrição dessa abençoada experiência no sexto capítulo de Romanos, ele usa uma pequena palavra que é a chave de todo este assunto. Ela é clara e prática e absolutamente infalível: é a pequena palavra considerar. Este é o passo pelo qual Paulo entrou na santificação e este é o passo decisivo que cada um de nós deve dar para seguir-lo.

“... considerai-vos mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em Cristo Jesus.”

Você não tem de crescer por si mesmo nisso, não tem de orar por isso, não tem de trabalhar por isso. Está tudo ali para você, simplesmente você o aceita, crê, considera e avança. Como um pecador toma Jesus como o seu Salvador em um momento definido da sua vida, e daquele momento em diante considera todos os pecados do passado anulados e as promessas de Cristo para sempre verdadeiras, assim na santificação chegamos ao momento em que, pela nossa plena rendição e decisão, rendemos nossa própria vida, nossa própria força e tudo o que pertence ao próprio pecado. Não consideramos mortas as coisas, mas nós mesmos mortos. Então tomamos a Cristo, Aquele que ressuscitou, para ser a nossa vida, consideramos que Ele é a nossa vida e contamos com Ele para tudo. Não esperamos nada de nós mesmos, mas esperamos tudo d'Ele. Pedimos a Ele que trate com todo fracasso da nossa parte e com todo assalto do adversário, e nosso único testemunho é **“Cristo vive em mim”**.

A CRUZ NO COMBATE

Gordon B. Watt

O combate para o crente não pode ser evitado. Ele é essencial para a experiência cristã. Somente por meio do combate o crente se torna consciente da sua necessidade e do poder de Deus. O combate entretece na trama da vida os fortes fios que fazem o caráter.

Ele é imperativo para o serviço cristão. Somente enfrentando o inimigo podem outras vidas ser ganhas para Cristo e Seus interesses avançarem. Toda vitória ganha pelo crente prepara o caminho do Senhor.

Ele é a garantia para a segurança cristã. Somente combatendo contra as forças do mal pode o crente se encontrar fortalecido para ficar em pé. O inimigo o assaltará para fazê-lo voltar atrás, e seu único caminho para a segurança é ir em frente. O combate deve ser combatido.

O combate está mencionado em Romanos 7.14-25. Ele é entre a velha e a nova natureza no crente. O apóstolo podia se deleitar na lei de Deus, mas não podia executar aquela lei por causa do pecado em seus membros que o mantinha cativo. O esforço e a luta somente o levaram à derrota e à dor.

A nova natureza deseja fazer o correto, mas a velha natureza impede a sua realização, e muitas vezes nos encontramos fazendo o que a nossa natureza espiritual condena. Por isso a luta prossegue, a nova natureza desejando e realmente resolvendo tomar uma posição dominante, enquanto a velha natureza está igualmente determinada a vencer. Com isso, a vida cristã é muitas vezes infeliz. Clamamos com Paulo: “Desventurável homem que sou! Quem me livrará do corpo desta morte?” (Rm 7.24). Mas o apóstolo encontrou o caminho da libertação. Não pela lei (Rm 7.22-23), nem por uma consciência reavivada e sensível (Rm 7.12, 16, 19), nem por uma resolução voluntária (Rm 7.18), mas por Cristo (Rm 7.25).

A vitória vem por meio d'Ele. Vamos voltar à cruz para ver a sua mensagem. Paulo dá uma resposta em Romanos 6.6, onde explica que quando Cristo morreu, Ele tratou não apenas com os nossos pecados, para tornar possível que Deus os apagasse, mas também com a fonte do pecado, a nossa velha natureza, a natureza herdada pelas gerações passadas desde Adão.

Quando Jesus foi ao Calvário, dentro do plano e propósito de Deus, Ele levou a velha natureza com Ele. Quando morreu pelo nosso pecado, essa velha natureza foi crucificada com Ele. Esse é o ato de Deus no qual devemos nos manter pela fé. “Mas eu não sinto nada”, você pode dizer. Não, não é com o nosso sentimento, mas com o ato de Deus que temos de nos manter. A minha velha natureza está afirmando constantemente o seu poder. Eu dou lugar para o temperamento, para os maus pensamentos e erros de tantas formas. É exatamente o que Paulo fez até que aprendeu o segredo da vitória. “... pois o querer o bem está em mim; não, porém, o efetua-lo... mas o mal que não quero esse faço” (Rm 7.18-20). Nós também desejamos vencer, ser triunfantes, mas muitas e muitas vezes erramos e somos derrotados.

Não se engane: não é que a velha natureza, ou o ego, o pecado, ou a tentação morrem. Não podemos esmagar um mau temperamento pela determinação da nossa vontade. Não podemos subjugar a revolta da vida egoísta por simplesmente ranger os nossos dentes e dizer: “Não cederei”. Temos de tomar o caminho de Deus para a vitória: “Como viveremos ainda no pecado, nós o que para ele morremos?” (Rm 6.2). Devemos considerar isso como verdadeiro, o que Deus diz é um fato. Esse fato é que a nossa velha natureza foi levada ao lugar de morte quando Cristo foi para a cruz, e sempre que a tentação assalte devemos permanecer no fato de que “estou crucificado”, portanto entrego a tentação a Cristo para que Ele trate com ela pelo Seu Espírito Santo.

Toda vez que a velha natureza, a natureza de Adão, procura afirmar a sua supremacia em nossa vida, devemos tomar a nossa posição em Cristo, “considero-me morto para este pecado”, e confiar no Espírito Santo para nos dar a vitória. Ele não nos desapontará nem errará.

O combate é encontrado em Gálatas 5.17. A luta é entre a “carne” e o Espírito que habita interiormente. Quando nos consideramos mortos para o poder da velha natureza, nós o inutilizamos, mas ele procura constantemente afirmar a sua reivindicação. O combate tem de ser conduzido para um passo adiante: “Pois a carne deseja o que é contrário ao Espírito; o Espírito, o